

Vânia de Fátima Gonçalves

**A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA  
VERBAL NO VALE DO RIO DOCE-MG**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

Vânia de Fátima Gonçalves

# **A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO VALE DO RIO DOCE-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa: B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eunice Maria das Dores Nicolau

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2007

Dissertação defendida por VÂNIA DE FÁTIMA GONÇALVES em 05/09/2007 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores relacionados a seguir:

---

**Eunice Maria das Dores Nicolau – UFMG**

**Orientadora**

---

**Marco Antônio de Oliveira –PUC/MG**

---

**Maria Beatriz Nascimento Decat - UFMG**

Às pessoas que amamos, aos sonhos que sonhamos e  
às pessoas em que nos transformamos através do amor,  
se tivermos coragem. À coragem, à inteligência,  
à busca dos sonhos e aqueles que nos ajudam  
na travessia da ponte para além de nossos medos,  
da esperança ao amor. Aos grandes amores perdidos  
e aos pequenos amores de luto, aos bons tempos  
conquistados, embora com tanto esforço.

A Deus, a minha família e ao meu marido.  
A Eunice Nicolau, por ter ampliado meus horizontes.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Eunice Maria das Dores Nicolau, que com extrema competência, ensinou-me a trabalhar séria e arduamente. Com ela aprendi a enfrentar os desafios impostos, muitas vezes aparentemente impossíveis para mim, com a serenidade necessária nessas horas. Agradeço-lhe pela confiança, pela amizade e, acima de tudo, pela paciência, cuidado e compreensão.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Nascimento Decat - pessoa de extrema simpatia, que abriu os primeiros caminhos para meus estudos, fazendo com que eu me sentisse à vontade em um ambiente totalmente desconhecido -, pelo carinho e atenção, pelas palavras de conforto e ânimo nos momentos mais difíceis.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Marta Pereira Scherre, por ter enviado material necessário para a confecção desta dissertação, a minha gratidão.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG, por contribuírem para minha formação.

À Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, pelo afastamento concedido para eu cursar as disciplinas do mestrado.

Ao Prefeito Municipal de Braúnas Geraldo Flávio de Andrade, que sempre esteve pronto para atender às minhas solicitações, por todas as informações concedidas.

Aos funcionários e alunos da Escola Estadual Manoela Soares Bicalho, em especial a diretora Suely Aparecida do Carmo, pelo apoio incondicional nessa longa caminhada.

À Escola Estadual Fagundes Varela – Braúnas/MG – onde dei os meus primeiros passos como aluna e professora.

Aos entrevistados, pela participação desinteressada e pelo crédito concedido aos meus objetivos.

Às professoras Marilda Macieira da Silva Braga e Viviane Glória, E. E. Fagundes Varela, por me auxiliarem nas gravações com os seus alunos.

Aos amigos, colegas e familiares - moradores de Braúnas - pelo apoio direto indireto, o meu reconhecimento e a minha eterna gratidão.

Aos meus pais, Eni e José, pelo exemplo e pelo apoio - além de palavras, além do amor...

Ao meu marido, Juarez Fagundes de Andrade, com quem pude dividir o melhor e o pior deste caminho em busca do conhecimento.

Aos meus avós, que lá de cima continuem a rezar por nós, e nós, aqui de baixo, continuaremos a rezar por eles.

A Deus, por ser sempre meu amigo fiel e me permitir, mais do que sonhar, realizar os meus sonhos.

## RESUMO

No presente trabalho analisamos, à Luz da Teoria da Variação ou Sociolingüística Variacionista, a variável lingüística constituída da presença e da ausência de concordância entre o verbo e o sujeito de terceira pessoa do plural, na fala de Braúnas, Vale do Rio Doce, Minas Geras. Assumimos que essa variável é condicionada por grupos de fatores lingüísticos (constituição morfológica da forma verbal e posição do sujeito em relação ao verbo) e extralingüísticos (faixa etária, sexo) e trabalhamos ainda com a hipótese de que a ausência de concordância verbal é a opção preferida dos falantes tanto da área rural quanto da área urbana, independentemente do nível de escolaridade. Nessa análise utilizamos um *corpus* constituído de 3.642 dados extraídos de 36 entrevistas sociolingüísticas. Analisamos esses dados quantitativamente utilizando o Programa VARBRUL (1994) e inicialmente consideramos os seis grupos de fatores. Os valores relativos ao nível de escolaridade suscitaram questões, diante das quais reanalisamos os dados excluindo o referido grupo de fatores. Os resultados obtidos apontaram a relevância da constituição morfológica da forma verbal, da posição do sujeito em relação ao verbo, da procedência geográfica e da faixa etária em relação à ausência de concordância verbal da fala investigada. Entre os fatores que favorecem esse fenômeno destacaram-se: verbos “regulares”, sujeito posposto ao verbo, informantes da área rural e informantes com idade superior a 63 anos.

## ABSTRACT

The present work analyzes, within the Theory of Variation or Variacionist Sociolinguistic, the linguistic variable constituted by the presence and absence of concord between verb and third person plural subject in Braúnas community's speak, Vale do Rio Doce, Minas Gerais. We assume this variable to be conditioned by groups of linguistic factors (verb's morphological constitution and subject position in relation to the verb) and extralinguistic ones (age and sex). Plus, we test the hypothesis that the absence of verbal concord is the favorite option of the speakers from the rural area and from the urban area, independently from their schooling level. In this analysis we use a *corpus* constituted by 3.642 data extracted from 36 sociolinguistic interviews. We analyze these data quantitatively, using the program VARBRUL (1994) and considering, initially, the six groups of factors. The values on schooling level raised questions, and before them, we excluded the referred group of factors and reanalyzed the data. The results obtained reveal the relevance of verb's morphological constitution, subject's position in relation to the verb, geographical origin and age, in relation to the absence of verbal concord in the investigated speak. Among the factors that seemed to favor the phenomenon, we point: regular verbs, postponed subject, informants from rural area and informant older than 63.

# SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 2: A REGRA DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	17
2.1. Preliminares.....	17
2.2. Da obrigatoriedade da concordância verbal.....	17
2.3. Ausência de concordância verbal: resultado da redução do paradigma verbal.....	20
2.4. Ausência de concordância verbal: resultado de atuação de regra variável .....	25
CAPÍTULO 3: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1. Da Teoria da Variação.....	49
3.2. A comunidade de fala: conceitos e delimitação .....	53
3.2.1. Braúnas – Vale do Rio Doce/MG.....	55
3.3. Objetivos e hipóteses .....	59
3.4. As variáveis e os grupos de fatores .....	60
3.4.1. Dos fatores lingüísticos e extralingüísticos	62
3.5. A constituição da amostra.....	69
3.6. Coleta dos dados.....	72
3.7. Tratamento dos dados.....	73
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS .....	76
4.1. Da interpretação dos dados.....	768
4.2. Atuação dos fatores lingüísticos .....	78
4.2.1. Constituição morfológica da forma verbal.....	78
4.2.1.1. Das marcas de concordância nas formas de pretérito perfeito.....	81

4.2.2. Posição do sujeito em relação ao verbo.....	83
4.3. Atuação dos fatores extralingüísticos.....	86
4.3.1. Sobre a influência do nível de escolaridade.....	87
4.3.2. Faixa etária.....	94
4.3.3. Procedência.....	97
CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	114

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: A influência dos fatores extralingüísticos sobre a ausência de CV.....	29
Tabela 02: Marca Zero de concordância, considerando o grau de escolaridade.....	33
Tabela 03: Presença de concordância verbal, segundo faixa etária e escolarização..	34
Tabela 04: Marcas explícitas de plural em função de três variáveis sociais convencionais.....	36
Tabela 05: Marcas explícitas de plural nos verbos em função da variável presença posição e distância do sujeito em relação ao verbo.....	37
Tabela 06: Frequência de uso, por indivíduo, da concordância verbal em dois falantes nas Amostras 80 e 2000.....	40
Tabela 07: Frequências e pesos relativos para a presença de concordância verbal em função da variável “posição linear” nas duas Amostras.....	41
Tabela 08: Efeito dos anos de escolarização no uso da concordância verbal em duas Amostras aleatórias da comunidade do RJ em épocas diferentes....	44
Tabela 08: Efeito da saliência fônica no uso da concordância verbal por anos de escolarização nas amostras 1980-c e 2000-c.....	44
Tabela 10: Consolidado das famílias cadastradas no ano de 2007.....	57
Tabela 11: Diagnóstico Educacional de Braúnas/MG.....	58
Tabela 12: Ausência de CV nos cinco grupos de fatores.....	77
Tabela 13: Ausência de CV segundo a constituição morfológica da forma verba.....	79
Tabela 14: A concordância verbal na fala de Braúnas.....	81
Tabela 15: A CV segundo a constituição morfológica da forma verbal nas amostras de Belo Horizonte e Braúnas-MG.....	82
Tabela 16: A ausência de CV segundo a posição do sujeito em relação ao verbo.....	83
Tabela 17: A ausência de CV segundo a posição do sujeito em relação ao verbo.....	85
Tabela 18: A ausência de concordância verbal segundo o nível de escolaridade.....	87
Tabela 19: A ausência de CV, considerando o cruzamento entre o nível de escolaridade e a faixa etária.....	89

Tabela 20: A ausência de CV após a exclusão do grupo de fatores nível de escolaridade.....	94
Tabela 21: A ausência de CV segundo a procedência geográfica do informante.....	97

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Paradigmas Verbais no Português Brasileiro.....	24
Quadro 2: Formas verbais segundo a constituição morfológica.....	63
Quadro 3: Categorização dos fatores em função da posição do sujeito.....	64
Quadro 4: As variáveis e os grupos de fatores.....	68
Quadro 5: Quantidade de informantes relacionados ao grupo de fatores nível de escolaridade.....	69
Quadro 6: Características sociais dos falantes braunenses.....	71

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Ausência de CV segundo a constituição morfológica da forma verbal...	79
Gráfico 02: A ausência de CV segundo a posição do sujeito em relação ao verbo...	86
Gráfico 03: A ausência de CV segundo o nível de escolaridade do informante.....	88
Gráfico 04: A ausência de CV segundo a procedência geográfica de todos os informantes e com a exclusão de um informante.....	92
Gráfico 05: A ausência de CV segundo o nível de escolaridade de todos os informantes e com a exclusão de um informante.....	93
Gráfico 06: A ausência de CV segundo a faixa etária após a exclusão de um informante.....	95
Gráfico 07: A ausência de CV segundo a faixa etária após a exclusão do grupo de fatores nível de escolaridade.....	96
Gráfico 08: A ausência de CV segundo a procedência geográfica do informante.....	98
Gráfico 09: A ausência de CV em diferentes comunidades que incluem áreas urbanas e rurais.....	100
Gráfico 10: A ausência de concordância verbal em diferentes núcleo urbanos.....	101

# CAPÍTULO 1

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, fazemos uma análise da concordância verbal (CV) tomando como base os pressupostos da Teoria da Variação ou Sociolingüística Variacionista. Nosso objeto de estudo é a variável lingüística constituída da presença e da ausência de concordância entre o verbo e o sujeito de terceira pessoa do plural (3PP) no português falado em Braúnas, Vale do Rio Doce, Minas Gerais.

Essa proposta justifica-se face à carência de trabalhos de descrição do português falado, pois apesar do grande número de estudos de descrição lingüística que vêm sendo realizados desde as últimas décadas do século passado (Século XX), no Brasil, ainda não se pode dizer que as variedades lingüísticas existentes sejam conhecidas. A extensão do território brasileiro constitui um obstáculo ao conhecimento, ainda bastante limitado, dos fenômenos lingüísticos presentes na fala do interior do país, o que se verifica em relação ao português falado no estado de Minas Gerais. Buscando contribuir para os avanços desses estudos, desenvolvemos a presente pesquisa, assumindo que a CV em estruturas com sujeito de 3PP, em português, é resultado de aplicação de uma regra variável e analisamos a presença e a ausência de CV (constituindo duas variantes de uma variável lingüística) na fala do município de Braúnas, com o objetivo de mostrar que, nessa região, a ausência de concordância é uma variante altamente freqüente.

Nessa análise, partimos da hipótese de que o comportamento da variável focalizada é condicionado por fatores lingüísticos e extralingüísticos, de modo que consideramos, como seus possíveis condicionadores, seis grupos de fatores (dois lingüísticos e quatro extralingüísticos) – cuja influência é exaustivamente considerada em estudos sobre tal fenômeno no português do Brasil (Lemle & Naro,

1977; Naro 1981; Nicolau, 1984; Graciosa, 1991; Scherre & Naro, 1997; Naro & Scherre, 1991, 1999b, 2003; etc.): 1 – constituição morfológica da forma verbal; 2 - posição do sujeito em relação ao verbo; 3 - faixa etária; 4 - sexo; 5 – procedência; 6 - nível de escolaridade. Analisamos, então, um *corpus* constituído de 3.642 dados extraídos de 36 entrevistas individuais, através das quais buscamos obter a fala de Braúnas em situações informais. Esses dados foram submetidos a uma análise quantitativa, com a utilização do Programa VARBRUL (1994), de acordo com a qual 2.326 estruturas exibiram formas sem marcas de concordância (66% dos casos analisados).

Assim, organizamos este trabalho em cinco capítulos. No capítulo 2, sintetizamos estudos sobre a concordância verbal sob a perspectiva Tradicional, obras de cunho dialetológico produzidas no Brasil e, ainda, diversos estudos do fenômeno, já realizados sob a perspectiva Variacionista. No capítulo 3, explicitamos os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos adotados na nossa análise, bem como as características da comunidade investigada (Braúnas/MG), os objetivos e as hipóteses que fundamentaram essa pesquisa; além disso, estabelecemos os grupos de fatores considerados na análise. No capítulo 4, apresentamos os resultados da análise quantitativa dos dados, focalizando cada um dos grupos de fatores apontados como significativos e os fatores que se mostraram relevantes para a explicação da frequência mais elevada da ausência de CV na comunidade estudada. Finalmente, no capítulo 5, apresentamos as conclusões a que a interpretação dos resultados quantitativos nos levou e fazemos algumas reflexões acerca da relação entre o problema estudado e as hipóteses levantadas e que orientaram a pesquisa.

# **CAPÍTULO 2**

## **A REGRA DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

### **2.1. Preliminares**

De acordo com a Gramática Tradicional (GT) a concordância entre o verbo e o sujeito, no Português Brasileiro (PB), é uma regra obrigatória; entretanto, a variação na CV tem sido amplamente documentada tanto por dialetólogos, que mostram que alguns fenômenos determinados acarretam a simplificação do sistema de concordância, quanto pelos estudos sociolingüísticos, que têm demonstrado que essa é uma regra variável, que ora se aplica ora não se aplica, dependente de diferentes grupos de fatores: lingüísticos e extralingüísticos. Em vista disto, o presente capítulo explicitará a posição da GT – a obrigatoriedade da CV – e sintetizará alguns estudos que tratam do fenômeno sem considerar essa obrigatoriedade, ou seja, que tratam da variabilidade da CV.

### **2.2. Da obrigatoriedade da concordância verbal**

De cunho primordialmente prescritivo, a GT postula regras a serem

seguidas segundo o padrão lingüístico considerado culto, lidando com os conceitos de certo e de errado. A noção de concordância que norteia o tratamento tradicional pode ser exemplificada pela seguinte conceituação de Bechara (2004: 543) “Em português a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”.

No que tange à concordância verbal, mais especificamente, a GT prescreve o seguinte “A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” (CUNHA & CINTRA, 1985: 485). E com base nessa norma mais ampla, Rocha Lima (2005: 388) estabelece a regra geral “Havendo um só núcleo (sujeito simples), com ele concorda o verbo em pessoa e número”. E para os casos de mais de um núcleo no sujeito da construção, o autor postula a seguinte regra:

Havendo mais de um núcleo (sujeito composto), o verbo vai para o plural e para a pessoa que tiver primazia, na seguinte escala:

- a) A 1ª pessoa prefere todas as outras.
- b) Não figurando a 1ª pessoa, a precedência cabe à 2ª.
- c) Na ausência de uma e outra, o verbo assume a forma da 3ª pessoa.

Nas gramáticas tradicionais, a essas duas regras gerais de concordância verbal, somam-se casos em que a concordância não se efetiva nos moldes previstos e que são tratados como casos de “*irregularidades de concordância*” (ROCHA LIMA, 2005: 407), ou como “*casos de discordância*” (BECHARA, 2004: 544).

Rocha Lima trata das “*irregularidades de concordância*” mostrando que constantemente entram em confronto a rigidez da lógica gramatical e os direitos superiores da imaginação e da sensibilidade. Para o autor, razões de ordem psicológica ou estética anulam as normas estabelecidas como boas e invioláveis, pela disciplina gramatical, e, quando se diz que certo termo deve concordar com outro, tem-se em vista a forma gramatical do termo de referência. Contudo, há situações em que se despreza a forma e, atendendo apenas à idéia representada pela palavra, se faz a concordância com aquilo que se tem em mente. Os desvios aparentes de concordância, quase sempre inconscientes, são chamados pelo autor de “*síneses*”, que se explicam de três formas:

- a. As palavras concordam não segundo a letra, mas segundo a idéia;
- b. A concordância varia conforme a posição dos termos do discurso;
- c. Faz-se a concordância com o termo que mais interessa acentuar ou valorizar.

As frases apresentadas pelo autor são um exemplo dessa concordância mental, a que se chama ‘sínese’, mais particularmente, ‘silepse’, respectivamente, de Heitor Pinto, João de Barros e Francisco de Moraes:

- (1) A formosura de Paris e Helena *foram* causa da destruição de Tróia.
- (2) Os povos destas ilhas *é* de cor baça e cabelo corredio.
- (3) *Foi* dom Duardos e Flórida aposentados no aposento que tinha o seu nome.

No exemplo (1), como o sujeito é representado por duas pessoas, consideram-se dois exemplos de formosura, e por isso o verbo está no plural. No exemplo (2), temos em mente, para além do plural, a imagem coletiva, representada por *a população, a gente*. No exemplo (3), sentimos perfeitamente que o singular *foi* se deve apenas à sua localização no princípio da frase; segundo o autor, se o verbo vier depois do sujeito, já não é possível essa construção: “Dom Duardos e Flórida *foram* aposentados...”. O autor conclui que a concordância portuguesa tem caminhado no sentido de restringir cada vez mais os fenômenos ideológicos e afetivos do seu sistema, devido à força autocrítica coercitiva que a gramática impõe.

Para Bechara (2004: 544) “na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração” é muito comum o falante enunciar primeiro o verbo para depois se seguirem os outros termos oracionais. Desta maneira, este falante costuma enunciar o verbo no singular, uma vez que ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo. Caso o sujeito seja pensado como pluralidade, os “*casos de discordância*” serão aí freqüentes.

A observação desses casos revela que, na verdade, o gramático busca recursos para explicar o fato de que o falante, no uso da língua, não aplica categoricamente a regra geral estipulada. Esses casos apontam a inconsistência do tratamento tradicional que, pouco criteriosamente, estabelece as regras de concordância, atentando para o aspecto morfossintático (o verbo deve se acomodar à

morfologia do sujeito), mas chega a admitir que o verbo fique no singular com sujeitos no plural ou que o verbo fique no plural com o sujeito no singular, que o verbo concorde com o sentido do vocábulo, e até com termos da oração que não o sujeito. Tais casos denotam a expressiva variabilidade que envolve a concordância verbal, legitimada pelas gramáticas tradicionais, embora de forma não explícita.

### **2.3. Ausência de concordância verbal: resultado da redução do paradigma verbal**

Os trabalhos desenvolvidos entre 1920 e 1950, pelos chamados primeiros dialetólogos brasileiros, embora não tenham sido realizados com o rigor científico hoje requerido, fornecem subsídios para o estudo do comportamento de determinadas variáveis lingüísticas, presentes no PB, constituindo-se, muitas vezes, nos únicos testemunhos sobre estágios anteriores da língua.

Amaral (1976: 44) já chamava a atenção para a importância e a necessidade de se realizarem, de modo “imparcial, paciente e metódico”, recolhas que permitissem:

... um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.

Os principais trabalhos de natureza dialetológica sobre a língua falada no Brasil mencionam a questão da concordância verbal. Estes trabalhos registram que a regra de CV se aplica, mas outros fenômenos acarretam a simplificação do sistema de flexões verbais; em outras palavras, já observam o acentuado cancelamento da marca de número no verbo de orações com sujeito plural.

Teixeira (1938: 36) assume o fenômeno da falta de concordância como resultado de um processo de analogia ocorrido entre as formas singular e plural dos verbos “Nas flexões verbais, mais que em qualquer outro campo, se exerce a ação niveladora da analogia. A determinação das pessoas é dada quase que só pelos pronomes”. O autor constata ser esse um traço marcante da língua das classes “incultas” mineiras, ao contrário das “semicultas”, que fazem a concordância regularmente.

O facto mais comum na língua popular mineira é a invariabilidade do verbo na concordância em número e pessoa com seu sujeito – os home oiava, nois teve, tu foi (enfático). Isto porque, como vimos, se processou uma redução no número e pessoas do tempo verbal, por efeito da analogia. (...)

O facto é que a regra geral é a invariabilidade flexional do verbo na concordância com seu sujeito, seja este de que pessoa e número for, venha anteposto ou posposto.

(TEIXEIRA, 1938: 73)

Acrescenta que a falta de concordância parece constituir regra geral no falar das populações brasileiras, fato que se reflete nas literaturas regionais.

Num segundo estudo dialetológico, Teixeira (1944: 115) focaliza a questão da CV com o mesmo destaque com que foi tratada no estudo anterior. “O fato mais geral na língua popular goiana é a invariabilidade do verbo na sua concordância com o sujeito”. Relaciona a falta de concordância a um processo lingüístico geral de redução das flexões verbais já verificado nas línguas indígenas e africanas.

Sem dúvida que a velha tendência do indo-europeu para redução das flexões de número e pessoa, encontrou novas condições favoráveis à sua manifestação, pois que tanto as línguas indígenas como as africanas possuíam esta uniformidade flexional na expressão das pessoas verbais. (TEIXEIRA, 1944: 102).

Como nessas línguas havia partículas que discriminavam as pessoas verbais, o verbo mantinha-se invariável. O autor aponta a ausência de concordância como um dos resultados do processo de contato do português com línguas que com ela coexistiram ao longo do tempo. Segundo ele “A ausência da ação disciplinadora da escola concorreu para que os processos das línguas indígenas e africanas se generalizassem na língua popular dialetal, uniformizando as pessoas verbais”.

Para Marroquim (1945: 123), que focaliza a língua falada por analfabetos de Alagoas e Pernambuco, a falta de concordância é um traço característico da língua em uso, resultante da “ação niveladora exercida pela analogia”.

A analogia exerceu uma profunda ação niveladora na conjugação matuta. O dialeto que, como temos visto, vem reduzindo e simplificando a linguagem, colocando sua gramática no nível das suas elementares necessidades de expressão, teria que modificar de maneira notável o quadro das flexões verbais.

A simplificação atingiu a pessoas e tempos, mas sobretudo a pessoas, ficando reservado quase que só aos pronomes o papel de as determinar.

Do trecho acima transcrito, depreende-se que a concordância também é considerada desnecessária, visto que simplificar o quadro das flexões verbais é “colocar a gramática no nível das elementares necessidades de expressão”.

Segundo Nascentes (1953: 94) “Com suas deturpações, o povo, como fez como as flexões nominais, corrompeu as flexões verbais, resultando daí as faltas de concordância”. Diante desse quadro, indaga se a concordância seria uma necessidade vital das línguas, concluindo, após a análise da opinião de outros estudiosos, que ela é desnecessária para a expressão gramatical de número.

Repetir num termo determinante ou informativo o gênero, numero ou pessoa já marcados no termo determinado ou de que se fala, é antes uma redundância. (SAID ALI apud NASCENTES, 1953: 94)

Melo (1971) observa que a ausência da flexão é um traço comum na fala das pessoas de camada social mais baixa, mas possível de aparecer nas camadas acima da média apenas no falar descuidado. Em seu trabalho, foi observado que, no português brasileiro, existe uma relação entre a aplicação da regra de concordância e a distribuição social dos falantes. Aponta, como traço comum da linguagem coloquial, a não aplicação da regra entre o verbo e o sujeito plural, quando posposto, defendendo a tese de que a ausência de flexão nas formas verbais tende a não mais ocorrer, em consequência da ascensão social, econômica e cultural das classes baixas.

Amaral (1976: 72) afirma que o plural da primeira pessoa verbal perde o –s, visto que são facilmente encontradas formas como “*bamo*”, “*fomo*” e “*fazêmo*”.

Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: *nós ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria*. Para o autor há casos em que não se percebe distinção entre as formas da primeira pessoa do plural e as da terceira do singular. As formas da 3PP sofrem mudanças como em “*quêrim, quirium, quizêrum, quêirum, andum, andávum, andárum, ándim*”.

Para Neto (1976: 115-116) as flexões verbais, em algumas regiões do Brasil, resumem-se a duas pessoas – a primeira em oposição às outras, oposição que ocorre apenas entre as formas do presente do indicativo, uma vez que no pretérito perfeito desse modo há maior variedade de flexões; em todos os outros tempos e modos, há apenas uma forma para todas as pessoas, tanto do singular como do plural.

Analisando a gramática dos falantes não-escolarizados da região de Januária/MG, Veado (1980: 60) examina as flexões verbais do dialeto rural dessa região considerando os traços de número e pessoa tradicionalmente estabelecidos para o sistema do português padrão e conclui que nesse dialeto há dois tipos de flexão verbal em relação às pessoas do discurso: uma que inclui apenas a pessoa do falante e outra que exclui apenas a pessoa do falante exclusivo, inexistindo a oposição entre singular-plural.

Em trabalhos mais recentes, Naro & Scherre (1993 e 1999) e Scherre & Naro (1997 e 1998) acreditam que a redução do paradigma verbal do PB é atribuída principalmente:

- a. substituição, já consolidada, dos pronomes de 2ª pessoa (*tu e vós*) pelo pronome dito de tratamento *você(s)*;
- b. a substituição, mais recente, do pronome de 1ª pessoa do plural *nós* pela expressão *a gente*;
- c. além disso, somente a 1ª pessoa do singular (do presente, perfeito e futuro do indicativo) apresenta marca morfológica que permite identificá-la como tal - com as demais pessoas gramaticais, as marcas de identificação de pessoa e número tendem ao desaparecimento.

Os autores dialetológicos, aqui focalizados, quando expõem os paradigmas verbais, demonstram que, no caso específico da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, a concordância se fazia notar, ou como diria Teixeira (1944: 102) “a uniformidade é quebrada” nesse caso. Os exemplos utilizados por eles para ilustrarem a concordância nesse tempo verbal revelam que a realização da desinência número-pessoal apresentava apenas uma mudança morfofonológica: *quizérum* (AMARAL, 1976: 72); *amaru* (NASCENTES, 1953: 96); *lóváro* (MARROQUIM, 1945: 124); *amaro* (TEIXEIRA, 1938: 38); *oiarum* e *oiô* (TEIXEIRA: 1944: 103). É interessante observar que Teixeira (1944), diferentemente dos demais autores, já registrava a coexistência das variantes singular e plural, ou seja, uma situação de variação também no caso do pretérito perfeito.

Observamos que os dialetólogos são unânimes em atestar a falta de concordância verbal como um traço caracterizador dos dialetos estudados e, assim sendo, no PB atual, convivem diversos paradigmas verbais, ou seja, um paradigma de quatro formas verbais, outro de três formas e um terceiro (dos menos escolarizados, ou não-escolarizados, sobretudo das áreas rurais), que se reduz a duas formas: a 1ª pessoa em oposição às outras, sem distinção singular/plural no verbo conforme mostra o Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1 – Paradigmas Verbais no Português Brasileiro<sup>1</sup>**

<b>Paradigma 1 - de quatro formas verbais</b>	<b>Paradigma 2 - de três formas verbais</b>	<b>Paradigma 3 - de duas formas verbais</b>
Eu <i>canto</i>	Eu <i>canto</i>	Eu <i>canto</i>
Você <i>canta</i>	Você <i>canta</i>	Você <i>canta</i>
Ele <i>canta</i>	Ele <i>canta</i>	Ele <i>canta</i>
A gente <i>canta</i>	A gente <i>canta</i>	A gente <i>canta</i>
Vocês <i>cantam</i>	Vocês <i>cantam</i>	Vocês <i>canta</i>
Nós <i>cantamos</i>	Eles <i>cantam</i>	Eles <i>canta</i>
Eles <i>cantam</i>		

<sup>1</sup> Os quadros, gráficos, tabelas e exemplos têm numeração contínua em todo o trabalho.

Neste trabalho tentamos mostrar como a variante ausência de concordância verbal está se difundindo entre os diversos segmentos sociais, no português falado em Braúnas, Vale do Rio Doce, Minas Gerais. De acordo com observação assistemática, o português dessa comunidade apresenta o **Paradigma 3** (duas formas verbais), que se apresenta, inclusive, na fala dos mais escolarizados e na fala da área urbana.

## **2.4. Ausência de concordância verbal: resultado de atuação de regra variável**

Nos estudos variacionistas, a regra de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP é tratada como uma regra variável, que ora se aplica ora deixa de se aplicar. A variação lingüística não é considerada um fenômeno aleatório e, para o estabelecimento e a compreensão dos fatores que influenciam a opção do falante no que diz respeito a essa regra de concordância, faz-se necessário levar em conta estudos realizados sobre o tema ou a ele relacionados, a fim de se registrarem os possíveis grupos de fatores da regra variável, que por já terem sido postulados e testados, podem contribuir, sobremaneira, para o estabelecimento de comparações com os dados deste estudo.

Lemle & Naro (1977), por exemplo, analisando a concordância verbo/sujeito, na fala de 20 alunos do Mobral<sup>2</sup> da área urbana do Rio de Janeiro, notam que a regra de concordância verbal no PB ainda é categórica nas classes médias e altas, enquanto nas classes de nível sócio-econômico mais baixo está em pleno processo de mudança. Para eles a ausência de concordância com sujeito na 3PP não é um fenômeno aleatório, mas relacionado a fatores tanto lingüísticos quanto a fatores extralingüísticos. Na análise dos dados, dois grupos de fatores lingüísticos se mostram mais relevantes para a aplicação ou não aplicação da regra

---

<sup>2</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização para adultos criados durante a década de 60 pelo Governo Federal

de CV: classe morfológica da forma verbal e posição do sujeito. Quanto à classe morfológica da forma verbal, os resultados mostram evidente um Princípio de Saliência Fônica (PSF), ou seja, a ausência de concordância ocorre mais freqüentemente nas formas em que o singular difere pouco foneticamente do plural (*fala/falam; falava/falavam; come/comem* etc.), do que em casos que há aumento da saliência fônica na oposição singular/plural (*disse/disseram; fez/fizeram; é/são* etc.).

O grupo de fatores posição de superfície do sujeito também se mostra importante no atendimento ou não, à regra, atuando em conjunto com o PSF, uma vez que os verbos que ocorrem junto ao sujeito anteposto favorecem a CV e os verbos que ocorrem juntamente ao sujeito posposto demonstram baixa freqüência de concordância. E concluem:

[...] a actuação da mudança em direção a um sistema sem concordância verbal foi fundamentalmente fonológica, enquanto que a sua implementação se deu através de uma difusão no eixo da saliência, sendo a principal coordenada a morfológica.

(LEMLE & NARO, 1977: 49)

Os seus resultados evidenciam também que as mulheres e as pessoas mais idosas são aquelas que atendem com maior freqüência a norma de concordância verbal.

A concordância verbal também é focalizada por Motta (1979), que busca verificar se a escola exerce alguma influência sobre a linguagem oral e a possível influência dos grupos de fatores extralingüísticos: sexo, idade, escolarização; e dos fatores lingüísticos: morfológico, estilístico, posicional e constituição do sujeito. Analisa dados de dois grupos de adolescentes de Salvador com características sociais semelhantes, diferenciados basicamente com relação ao grau de escolarização: o Grupo A é formado de adolescentes semi-analfabetos e o Grupo B formado de adolescentes concluintes da oitava série do Ensino Fundamental. De acordo com os resultados obtidos, a ausência de concordância é mais freqüente no grupo A do que no grupo B, em decorrência da escolaridade e de outros fatores. Mas observa que não há diferença sensível entre os grupos observados. Quanto ao grupo de fatores sexo, a maior aplicação da regra está entre os falantes do sexo masculino do Grupo A e, na opinião da autora, tais resultados talvez possam ser relacionados com o fato de estes informantes terem mais oportunidades de comunicação. Já com relação aos

do Grupo B, a permanência na escola pode ter sido um fator de uniformização da fala dos informantes de sexo diferente, quanto à aplicação da regra de concordância. Quanto à variável idade, no Grupo B os informantes mais velhos usam mais a concordância do que os informantes mais jovens.

Dentre os quatro fatores lingüísticos propostos, o que mostra maior frequência de aplicação da regra de CV é o grupo de fatores constituição do sujeito. Quanto ao grupo de fator saliência fônica, a autora conclui que há muita semelhança entre os dois grupos com relação ao comportamento da variável morfológica, mas não se pode inferir uma diferença de tendências no desempenho lingüístico desses informantes, no que concerne à aplicação da regra de CV.

Para a autora, a regra de CV é uma regra variável cuja frequência de aplicação encontra-se intimamente ligada ao nível sócio-econômico do falante e que nada se pode afirmar quanto a um processo de mudança, mas que seu trabalho leva a constatar que a escola exerce alguma influência na direção de uma maior presença de concordância verbal.

Naro (1981), partindo dos resultados obtidos em trabalhos anteriores (LEMLE & NARO, 1977; NARO & LEMLE, 1977) e utilizando o mesmo *corpus* do Mobral (constituído de falantes semi-escolarizados), reanalisa a variação da regra de concordância verbal no PB em 6.310 dados e encontra o percentual de aproximadamente 48% de aplicação da regra de concordância (3002 dados) e 52% de não aplicação dessa regra (3298 dados). Considera que essa variação indica um processo lento de mudança lingüística, caminhando em direção a um sistema sem marcas e, novamente, localiza as origens desse processo nos ambientes de menor saliência fônica, ou seja, em casos tais como *sabe/sabem; vende/vendem*, em que a diferença morfológica da relação singular/plural átona pode ser marcada apenas pela nasalização da desinência vocálica. O autor afirma que esse processo, originariamente de natureza fonológica, “mais tarde se generalizou para outros ambientes”, isto é, atingiu as oposições morfológicas, as mais salientes, tais como *comeu/comeram, é/são*, envolvendo toda a oposição desinencial.

Para esse autor, a ausência ou presença da marca de concordância, também é influenciada pela distância entre o sujeito e o verbo, a saber: quanto maior a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, maior a probabilidade de ausência da regra de concordância verbal. Em síntese, o PSF pode se manifestar em diversas

dimensões, na posição e distância do sujeito em relação ao verbo ou na oposição fônica entre as formas singular/plural do verbo, mas o princípio é sempre o mesmo: mais saliência da relação sujeito/verbo se correlaciona com mais uso da concordância.

A análise de Naro comprova que os grupos de fatores extralingüísticos sexo, origem e faixa etária foram irrelevantes para delimitar os grupos e o autor, então, opta por dividi-los frente a sua reação às novelas. Observa que um grupo, ao fazer a CV, atingia 64% das ocorrências, enquanto outro apresentava apenas 41%. Conclui que os falantes que acompanhavam as novelas, definidos como “de orientação vicária”, e que, como bem observa o autor, demonstravam interesse pelos modelos e pelo universo cultural das camadas médias e altas, exibiam os maiores índices de aplicação da regra de concordância, enquanto os que eram mais refratários a essa influência, definidos como de “orientação experiencial”, exibiam os menores índices. Apesar de não chegar a um resultado conclusivo sobre a direção da mudança, o estudo consegue revelar a influência que os meios de comunicação exercem no comportamento lingüístico do falante.

Nicolau (1984), adotando o modelo sociolingüístico proposto por Labov (1972), analisa a ausência de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP, na fala de 32 pessoas de Belo Horizonte/MG, com níveis de escolarização diversos (de 1º ao 3º grau – 1 a 11 anos de escolarização), considerando quatro grupos de fatores lingüísticos (estrutura morfológica da forma verbal, ambiente fonológico que sucede ao verbo, constituição no SN sujeito e posição desse SN na frase) e quatro grupo de fatores extralingüísticos (faixa etária, sexo, grupo social e estilo de fala) como possíveis condicionadores da aplicação ou da não aplicação da regra morfossintática variável de concordância. Os resultados relativos à atuação de fatores extralingüísticos encontrados nessa análise podem ser vistos na Tabela 1, a seguir.

**Tabela 1: A influência dos fatores extralingüísticos sobre a ausência de CV**

Variável	Fatores	Casos com concordância	Casos sem concordância	%	PR
<b>Estilo de fala</b>	F – formal	247	209	46	0.44
	I – informal	830	627	43	0.56
<b>Sexo</b>	M – masculino	484	494	51	0.61
	F – feminino	593	342	37	0.39
<b>Idade</b>	J – jovens (14 a 18 anos)	473	360	43	0.45
	A – adultos (36 anos ou mais)	604	476	44	0.55
<b>Grupo social</b>	B – baixo padrão de vida	132	278	68	0.75
	O – operário	180	184	51	0.58
	M – médio padrão de vida	350	231	40	0.40
	A – alto padrão de vida	415	143	26	0.26

(Adaptada de NICOLAU, 1984: 146)

Em relação ao grupo de fatores extralingüísticos seus resultados mostram que a ausência de concordância é favorecida pelos adultos e desfavorecida pelos jovens e que os homens apresentam mais ausência de concordância verbal do que as mulheres. As probabilidades mais altas de ausência de concordância associam-se aos grupos sociais mais baixos e ao estilo de fala informal. Segundo a autora a variação de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP caracteriza-se como uma variação estável com nítida estratificação social e é também influenciada pela idade, pelo sexo e pelo estilo de fala.

Com relação aos grupos de fatores lingüísticos que se mostram mais relevantes, observa a influência da posição do sujeito em relação ao verbo na ausência de concordância verbal. Seus resultados demonstram que essa ausência é altamente favorecida pelo sujeito expresso na oração e posposto ao verbo, ligeiramente favorecida pelo sujeito expresso em oração anterior e altamente desfavorecida pelo sujeito expresso na oração e anteposto ao verbo.

Na análise do grupo de fatores lingüísticos constituição morfológica da forma verbal, com o objetivo de verificar se a ausência de concordância verbal (ACV) é diretamente proporcional ao Princípio de Saliência Fônica (proposto por Lemle & Naro, 1977), a autora busca uma categorização dos fatores, na qual as formas verbais em estudo passam a constituir três grandes subgrupos:

**R** - ‘regulares’<sup>3</sup> (*fala/falam, come/comem, faz/fazem, falava/falavam, fazer/fazerem, etc*);

**P** - pretéritos perfeitos (*comeu/comeram, falou/falaram, fez/fizeram, foi/foram, etc*)

**A** - formas de terminação acentuada (*dá/dão, vai/vão, é/são*).

Analisando esses subgrupos em uma rodada do programa VARBRUL, verifica que o subgrupo **R** favorece a ACV e os demais subgrupos a desfavorecem. Nota, pois, que é necessário calcular as probabilidades dos subgrupos **P** e **A**, separadamente, para testar a relevância da diferença fônica, o que não pôde ser feito em relação ao subgrupo **A**, porque os fatores desse subgrupo não apresentaram valores que permitissem qualquer reagrupamento. Os resultados do subgrupo **R** confirmam que as diferenças fônicas registradas entre as formas verbais não exercem qualquer influência sobre a ACV. Já entre as formas verbais do subgrupo **P**, a diferença fônica parece ser relevante para a ACV e, apesar disso, não se confirma a existência do PSF. Em síntese, os resultados dessas probabilidades mostram que o subgrupo **P** desfavorece a ACV, que é favorecida por **A**.

É importante ressaltar que os verbos do subgrupo **P** possuem concordância padrão e concordância não-padrão, ou seja, podem terminar em [-ãw] (concordância padrão) ou em [-ũ ~ -u] (concordância não-padrão), fato que não se observa nos subgrupos **R** e **A**, pois somente possuem a concordância padrão. De acordo com os resultados da autora, no subgrupo **R**, ocorrem 37% de casos com concordância padrão e 63% de formas sem concordância; no subgrupo **P**, ocorrem 14% de casos com concordância padrão, 68% de casos com concordância não-padrão e 18% de casos sem concordância.

Analisando o comportamento desses verbos Nicolau afirma que:

- a. A ausência de concordância verbal é mais freqüente nos verbos “regulares” do que nos verbos do pretérito perfeito;

---

<sup>3</sup> Nicolau adota e estende a denominação dada por Guy (1981) de que verbos regulares são aqueles em que as formas de terceira pessoa se opõem apenas pela presença do morfofonema /n/ desinência número pessoal –m no plural.

- b. Tanto os verbos regulares quanto os verbos do pretérito perfeito têm terminações átonas;
- c. Todos os casos de CV nos verbos “regulares” possuem concordância padrão, enquanto que mais da metade dos casos de concordância, observados nos verbos de pretérito perfeito, possuem concordância não-padrão;
- d. Não há qualquer evidência de que a ACV é diretamente proporcional ao grau de saliência fônica, ou seja, não foi confirmado o PSF, proposto por Lemle & Naro (1977);
- e. A maior frequência de neutralização entre a terceira pessoa do singular e a 3PP, verificada entre os verbos “regulares”, resulta da interação entre processos variáveis – uma regra morfossintática sincrônica e alguns processos fonológicos diacrônicos.

Através da última afirmação, Nicolau discorda de Guy (1981), que afirma que a ausência de concordância ocorre porque o efeito de uma regra fonológica sincrônica variável de desnasalização desfaz nos verbos regulares a ação da regra morfossintática. Para a autora se com o efeito da desnasalização verificássemos a transformação *falam*>*fala* era de se esperar que, por exemplo, *falaram* se transformasse em *falara*, ou seja, se para Guy as formas *falaram/falarũ/falaru* continuam sendo plural por se distinguirem da forma singular *falou*, então a pluralidade deveria ser considerada presente também nas formas com *falũ/falu* admitidas por Guy e que se distinguiriam da forma singular *fala*.

Sendo assim, a autora conclui que enquanto nos verbos do subgrupo **P** e do subgrupo **A**, o índice de ausência de concordância verbal é menor do que os do subgrupo **R**, devido, exclusivamente, à não aplicação da regra morfossintática variável de CV, nos verbos do subgrupo **R**, a ausência de concordância é significativamente mais freqüente devido à interação entre processos variáveis – uma regra morfossintática sincrônica e alguns processos fonológicos diacrônicos.

A explicação para tal fato estaria na evolução das terminações verbais átonas portuguesas, proposta por Oliveira (1983): nessas formas, a maior frequência de ACV decorre do fato de, ao lado da não aplicação da regra de concordância, registrarem-se formas de plural com terminações não-padrão que se realizam como

formas de singular; isso não se verifica em relação ao pretérito perfeito do indicativo porque, nessas formas, a marca de pluralidade é preservada nas terminações que se realizam como monotongos.

Outro trabalho que considera a saliência fônica foi realizado por Rodrigues (1987), que analisa a CV na língua falada de duas comunidades da periferia de São Paulo, usando dados de 40 falantes com idade entre 20 e 51 anos, de ambos os sexos, de procedência geográfica diversificada. Esses informantes –18 analfabetos, 11 com o ensino primário incompleto e 11 com primário completo – exerciam profissões como dona de casa, empregada, vigia, servente, mestre da construção civil, pedreiro, pintor, metalúrgico etc. Desse estudo, o grupo de fatores lingüísticos saliência fônica verbal foi o que mais interferiu na aplicação da regra, ou seja, as formas verbais mais salientes tenderam à presença de concordância e as menos salientes, à ausência de concordância. O grupo posição do sujeito em relação ao verbo também teve força na realização da CV; assim como os sujeitos antepostos favoreceram, os pospostos desfavoreceram. Considerando a constituição do sujeito, a ausência ou presença do sujeito pronominal (eles/elas) pouco interferiu na concordância.

De maneira geral, a pesquisadora constatou que os grupos de fatores lingüísticos tiveram maior “peso” na realização da regra, se comparados aos grupos de fatores extralingüísticos. Assim, os fatores sexo e escolaridade foram inoperantes e o fator idade não teve peso maior, demonstrando que falantes adultos e jovens obtiveram peso relativo de favorecimento de CV praticamente idênticos. O fator extralingüístico que realmente propiciou o atendimento à regra foi o da procedência; os informantes nascidos na capital realizaram mais a concordância verbal que os outros vindos de outras partes do Brasil.

Já para Silva e Votre (1991: 368) a escolarização é a mais atuante entre as variáveis sociais. Eles afirmam que: “é a escolarização que influencia o maior número de fenômenos e sempre no mesmo sentido. [...] podem ocorrer casos em que há falantes que entram na escola usando com grande freqüência a forma padrão, enquanto outros não usam, mas a escola poda o uso não-padrão”.

**Tabela 2: Marca Zero de concordância, considerando o grau de escolaridade**

<b>Grau de Escolaridade</b>	<b>APL/ TOTAL = %</b>	<b>PR</b>
Ensino Fundamental	431/604 = 71	0.73
Ensino Médio	393/742 = 53	0.51
Ensino Universitário	195/475 = 41	0.21
<b>TOTAL</b>	<b>1.019/1.821 = 56</b>	

De acordo com os autores, nota-se, pelos resultados, que a escolaridade ainda é o fator mais importante na determinação da presença de concordância, pois os dois lados opostos – ensino fundamental e ensino universitário – evidenciam também números bastante opostos entre si – 0.73 e 0.21, respectivamente. O ensino médio ocupa uma posição intermediária, pois a diferença entre presença ou ausência de concordância é quase nula e o peso é de 0.51.

Naro & Scherre (1991), reexaminando os informantes do *corpus* do MOBREAL - Rio, buscam definir se a variação na concordância no PB se configura como variação estável ou mudança em progresso. Os autores acreditam que coexistam, na realidade brasileira, fluxos diversos: algumas pessoas tendem a variação estável, outras estão no processo de aquisição e outras num processo de eliminação das formas. Vemos assim que não se pode afirmar que a perda da concordância caracteriza o PB, já que, a depender de fatores extralingüísticos, ela pode ser adquirida, não como regra categórica.

Diferentemente de Naro & Scherre, os resultados de Graciosa (1991) indicam que a concordância não estaria em um processo de variação. Ela observa o fenômeno da CV, no discurso de falantes com nível superior de instrução, em situações informais de conversação e em ocasiões de fala mais controlada como entrevistas, palestras e conferências – *corpus* do Projeto NURC (Norma Oral Urbana Culta) do Rio de Janeiro.

Os grupos de fatores extralingüísticos analisados por ela foram escolaridade, faixa etária, zona geográfica de residência e sexo e nenhum deles se mostrou relevante para a descrição do comportamento da regra. Os grupos de fatores lingüísticos que se mostraram relevantes são: a) ordenação dos argumentos do verbo, b) distância entre o núcleo do sujeito e o verbo e c) paralelismo formal das seqüências verbais no discurso. Para ela as circunstâncias que desfavorecem a presença de concordância verbal são:

- a. A posposição do sujeito a um verbo transitivo ou a um intransitivo. E o sujeito oculto também inibe a presença de concordância.
- b. A distância entre sujeito e verbo, quanto mais se afasta o verbo do sujeito, maior a probabilidade de ausência de concordância.
- c. A ocorrência de sujeito com verbo isolado que, não se mantendo no discurso, tende a cancelar mais o uso da regra.

A autora verifica um alto índice de aplicação da regra – em torno de 93% das ocorrências - e conclui que na fala culta carioca a concordância verbal é um fenômeno extremamente controlado com presença quase categórica da regra. Porém ressalta que com o tempo que se passou entre o registro dos trabalhos – de 1971 a 1978 - e a época do final da pesquisa (1991) – o grau de probabilidade de cancelamento da regra de CV pode ter se ampliado – configurando um quadro mais nítido de variação no nível culto.

O estudo de Vieira (1995), sobre a CV na fala de comunidades de pescadores no norte do Estado do Rio de Janeiro, demonstra um alto índice de ausência de concordância em verbos de 3ª pessoa. A autora considera três faixas etárias: a primeira formada por informantes entre os 18 a 35 anos, a segunda formada por informantes de 36 a 55 anos e a terceira formada por informantes de 56 a 70 anos, divide os informantes por localidade e, como fator auxiliar para a análise, distribui esses informantes em dois grupos de escolarização (analfabetos e alfabetizados que cursaram até a 4ª série do primeiro ciclo fundamental). Os grupos de fatores extralingüísticos apresentam os seguintes resultados:

**Tabela 3: Presença de concordância verbal, segundo faixa etária e escolarização**

<b>Faixa etária e escolaridade</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>%</b>	<b>P.R. Nível sel.</b>	<b>P.R. Nível 1</b>
A (18 a 35 anos) – analfabeto	42/69	61	0.37	0.48
A (18 a 35 anos) – alfabetizado	273/496	55	0.38	0.42
B (36 a 55 anos) – analfabeto	234/406	58	0.49	0.45
B (36 a 55 anos) – alfabetizado	229/375	61	0.47	0.48
C (56 anos em diante) – analfabeto	389/579	67	0.54	0.55
C (56 anos em diante) – alfabetizado	239/327	73	0.69	0.62

(Adaptada de VIEIRA, 1995: 109)

De acordo com os resultados a autora observa que há alto índice de não aplicação da regra de concordância nas três faixas etárias e as maiores taxas de ausência de concordância se encontram entre os falantes mais idosos, além de independem da escolaridade do informante: analfabetos ou alfabetizados apresentam índices de ausência de concordância semelhantes. Afirma não pretender defender que a escolarização seja irrelevante para que o comportamento lingüístico dos falantes mude em direção a presença de concordância, mas o que parece estar em jogo é a necessidade de refletir se a escolarização é o único fator relevante para que o indivíduo tenha um desempenho mais aproximado da forma padrão.

O grupo de fator extralingüístico localidade revela-se significativo na fala dos pescadores fluminenses e essa ausência constitui uma tendência mais forte em certas comunidades em detrimento a outras, o que parece resultar de influências de processos históricos e sociais responsáveis pela formação do vernáculo das comunidades. Os grupos de fatores lingüísticos que se mostram mais significativos são: a) saliência fônica – a ausência de concordância se intensifica à medida que diminui a diferença material fônica entre as formas singular e plural dos verbos e nos casos de formas foneticamente semelhantes, registram-se altos índices de ausência de CV; b) paralelismo dos níveis clausal e discursivo – tanto no nível clausal quanto no discursivo, marcas levam a marcas e zeros levam a zeros; c) a posição do sujeito em relação ao verbo – os sujeitos pospostos favorecem acentuadamente a ausência de CV e, além disso, houve predominância de concordância nas estruturas com sujeito anteposto, exceto nos casos em que o sujeito foi retomado pelo pronome relativo “que”, exatamente por não representar uma forma marcada. Ao tratar da saliência fônica, Vieira conclui que os índices de ausência de concordância estão relacionados ao material fonético envolvido e à acentuação tônica da desinência número-pessoal.

Scherre & Naro (1997), ao analisarem 64 falantes do Rio de Janeiro, estratificados em função do sexo, faixa etária e grau de escolaridade, concluem que as pessoas com mais anos de escolarização e as do sexo feminino apresentam mais a presença de concordância. Aquelas por estarem mais expostas à correção gramatical e estas por serem mais sensíveis às normas de prestígio. A variável faixa etária apresenta um padrão ligeiramente curvilíneo, indicando que as pessoas mais pressionadas pela idade profissionalmente produtiva usam também mais as formas

de prestígio. O comportamento destas três variáveis convencionais indica um padrão típico de variação estável. Os resultados podem ser comprovados na Tabela 4:

**Tabela 4: Marcas explícitas de plural em função de três variáveis sociais convencionais**

Fenômeno	Concordância verbal		
	Fatores	Ocorrência %	PR
Anos de escolarização	1 a 4 anos	1.125/1.787 = 63	0.39
	5 a 8 anos	1.358/1.752 = 78	0.56
	9 a 11 anos	886/1.093 = 81	0.58
Sexo	Feminino	2.003/2.601 = 77	0.54
	Masculino	1.366/2.031 = 67	0.45
Faixa etária	7 a 14 anos	587/ 854 = 69	0.41
	15 a 25 anos	862/1.218 = 71	0.47
	26 a 49 anos	1.025/1.283 = 80	0.56
	50 a 71 anos	896/1.277 = 70	0.53
<b>Total de dados</b>		3.369/4.632 = 73	

(Adaptada de SCHERRE & NARO, 1997: 107)

Com relação aos grupos de fatores lingüísticos, os autores afirmam que a presença do sujeito e sua posição em relação ao verbo têm influência no tipo de variante nas formas verbais e, também, investigam o número de sílabas do material fonético que separa o sujeito do verbo, bem como a quantidade de elementos expressa pelo sujeito. O estudo da distância entre o núcleo do sujeito e o verbo cumpriu o propósito de verificar a hipótese de que quanto maior a distância entre esses dois constituintes da oração, maior seria a probabilidade de cancelamento da regra de concordância verbal. As categorias se subdividiram assim:

1. Sujeito imediatamente à esquerda do verbo: - eles **dizEM**: “chutei tudo” (HEL3F62/1887);
2. Sujeito à esquerda do verbo, dele separado por 1 a 4 sílabas: - Eles *também* não **dizO** (LAU28FC43/2601);
3. Sujeito à esquerda do verbo, dele separado por 5 ou mais sílabas: - Essas troca de *experiência* **vaiO** crescendo (PAC20MB25/0169);
4. Sujeito à direita do verbo: - Ai **bateuO** *dois senhores* na porta (NIL12FP45/0646);
5. Sujeito zero próximo do verbo (num raio de 10 cláusulas sem interrupção pelo entrevistador);
6. Sujeito zero distante do verbo (num raio de 10 cláusulas com interrupção do entrevistador, fora de um raio de dez cláusulas ou com referência na fala do entrevistador).

(SCHERRE & NARO 1997: 102)

Os resultados indicam que a posição à esquerda e a proximidade do sujeito em relação ao verbo favorecem a ocorrência da variante explícita e a posição à direita e o distanciamento em relação ao verbo a desfavorecem, de acordo com a tabela abaixo:

**Tabela 5: Marcas explícitas de plural nos verbos em função da variável presença, posição e distância do sujeito em relação ao verbo.**

Falantes		Todos os falantes	Falantes de 1 a 4 anos de escolarização	Falantes de 5 a 8 anos de escolarização	Falantes de 9 a 11 anos de escolarização
Fatores					
Sujeito imediatamente à esquerda do verbo	%	1529/1857= 82	507/684= 74	628/716=88	394/457= 56
	PR	0.62	0.63	0.65	0.60
Sujeito à esquerda do verbo separado por 1 a 4 sílabas	%	756/1025= 74	246/402= 61	291/363= 88	219/260= 84
	PR	0.55	0.53	0.55	0.55
Sujeito à esquerda do verbo separado por 5 ou mais sílabas	%	83/135= 61	25/46= 54	326/45= 58	32/44= 73
	PR	0.39	0.44	0.30	0.40
Sujeito à direita do verbo	%	50/194= 24	13/72= 18	22/80= 27	15/42= 36
	PR	0.08	0.07	0.07	0.06
Sujeito zero próximo	%	731/1166= 63	223/452= 49	309/453= 68	199/261= 76
	PR	0.35	0.32	0.34	0.37
Sujeito zero distante	%	220/255= 86	111/131= 85	82/95= 86	27/29= 93
	PR	0.63	0.71	0.54	0.72
Total dos dados		3369/4632= 73	1125/1787= 63	1358/1752=78	886/1093=81

(Scherre & Naro, 1997: 103)

Os pesos relativos referentes a todos os falantes e os demais divididos de acordo com o grau de escolarização mantêm-se praticamente inalterados: 0.62, 0.63, 0.65 e 0.60 respectivamente na posição em que o sujeito se encontra imediatamente à esquerda, coerentemente com os resultados de outras pesquisas. Mas, nos casos em que o sujeito é nulo, a proximidade desfavorece a variante explícita e a distância a favorece. Para a ocorrência desse fato, os autores apresentam a seguinte explicação:

Neste caso, entra em jogo a recuperabilidade da informação: o zero próximo, e não o zero distante, presumivelmente contém a informação de plural mais facilmente recuperável. E, consoante com o princípio da economia lingüística nos termos de Haiman (1983: 802), codifica-se menos a informação mais previsível e codifica-se mais a menos previsível.

Quanto ao grupo de fator lingüístico saliência fônica, os autores registram a variação na concordância verbal como um processo lento de mudança lingüística, caminhando em direção a um sistema sem marcas. Ressaltam que em ambientes de menor saliência (*sabe/sabem; vende/vendem* – em que a diferença morfológica da relação singular/plural átona pode ser marcada apenas pela nasalização da desinência vocálica) se encontra a origem desse processo, o que confirma os dados de Naro (1981).

Monguilhott (2001) analisa a fala de moradores da comunidade de Florianópolis em amostras pertencentes ao Banco de Dados do Projeto Interinstitucional Variação Lingüística Urbana na Região Sul (VARSUL). São analisadas 24 entrevistas de informantes estratificados em sexo, idade (15 a 24 anos, 25 a 45 e 52 a 76 anos) e nível de escolaridade (4 a 11 anos). Foram encontradas pela pesquisadora 1.583 ocorrências, contendo no total 1.251 formas verbais com marca de concordância, isto é, 79% do total das ocorrências analisadas com presença de CV. Do ponto de vista lingüístico, foram controladas as variáveis: posição do sujeito, traço humano no sujeito, tipo de sujeito, tipo de verbo, material interveniente e paralelismo formal.

Ao analisar a saliência fônica, a pesquisadora conclui que a oposição acentuada favorece a presença de concordância e a oposição não-acentuada a ausência. As formas verbais do tipo “*tá/tão e vai/vão*” atingiram o maior índice de peso relativo de ausência de concordância 0.88 enquanto que as formas “*conhece/conhecem, vive/vivem e sabe/sabem*” chegaram a 0.02. Em relação à variável posição do sujeito, Monguilhott verifica que existe mais probabilidade de haver concordância verbal quando o sujeito vier anteposto ao verbo, ocorrendo a concordância em 84% dos casos com peso relativo de 0.58.

Na análise dos grupos de fatores extralingüísticos, ao controlar escolaridade, a pesquisadora confirma sua hipótese de que os indivíduos que passaram pelo processo normatizador da escola são aqueles que tendem ao uso da

variante explícita de plural nos verbos. Além disso, verifica que os informantes mais velhos e os mais novos apresentaram comportamentos semelhantes, tendendo à marcação do plural nos verbos, contrapondo-se aos informantes de meia-idade. Ao cruzar escolaridade e idade, a autora chega à conclusão de que entre os poucos escolarizados (com 4 anos) são os mais jovens que apresentam maior frequência na concordância verbal.

Em relação aos falantes com 11 anos de escolarização os dados indicam que os mais velhos são os que apresentam o maior índice de concordância. A autora conclui que entre os falantes mais jovens e os mais velhos, a escolaridade é um fator determinante na aplicação da concordância.

Embora o fator sexo não tenha sido selecionado pelo programa VARSUL, a pesquisadora conclui pela análise dos resultados que as mulheres apresentam maior probabilidade de aplicação da regra de concordância, uma realidade constante em todas as três faixas etárias. No entanto, ao cruzar os dados de sexo do informante com a escolaridade, a autora conclui que os homens com quatro anos de escolarização apresentam maior tendência a ausência de concordância.

De acordo com Scherre (2002), que analisa dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), do Rio de Janeiro, a variação na concordância de número no PB não apresenta distinção geográfica. Esta variação se dá de maneira uniforme de norte a sul e de leste a oeste e os principais fatores que condicionam essa variação são também uniformes. Para a autora a variação da concordância é parte inerente do nosso sistema lingüístico, mas a quantidade de variação, no Brasil, é marca de classe social. Conforme Scherre (2002: 236):

(...) as pessoas mais escolarizadas, mas sensíveis às marcas de prestígio e que exercem profissões de trato público tendem a fazer mais concordâncias e, se não as fazem, são criticadas por nós, que também deixamos de fazer concordâncias verbais e nominais, quer queiramos ou não, quer reconhecamos ou não.

Naro & Scherre (2003a), com base em duas amostras de fala – uma do tipo Painel, constituída por 16 falantes gravados na década de 80 e regravados em 1999 e 2000 e, outra do tipo Tendência, constituída por 32 novos falantes, gravados também em 1999/2000, ambas pertencentes ao *corpora* do PEUL, - assumem que

características sociais como anos de escolarização, idade inicial associada à entrada no mercado de trabalho, o contato com a mídia, sexo e classe social podem estar governando a variação da concordância no PB. De acordo com os resultados há aumento das taxas de concordância para todos os indivíduos, independentemente do avanço no grau de escolarização do falante. A Tabela 6 a seguir, mostra os resultados por indivíduo, sendo que os seis primeiros aumentaram os anos de escolarização e os demais não aumentaram, mas mesmo assim apresentaram percentuais mais elevados de presença de concordância verbal.

**Tabela 6: Frequência de uso, por indivíduo, da concordância verbal em dois falantes nas Amostras 80 e 2000**

Amostra 80 (I)				Amostra 00 (I)		
Falante	Idade	%	P.R.	Idade	%	P.R.
Eri 59	9	72	0.20	25	90	0.61
Adr 57	10	38	0.06	26	58	0.19
Adr 63	12	57	0.18	28	93	0.70
Fat 23	15	81	0.45	33	98	0.89
San 39	15	76	0.41	33	93	0.72
Leo 38	18	71	0.28	36	92	0.73
Jup 06	18	47	0.23	35	73	0.51
Lei 04	25	56	0.26	43	59	0.29
Dav 42	31	47	0.18	48	81	0.66
Jvas 26	32	82	0.62	48	81	0.66
Eve 43	42	90	0.74	59	89	0.75
Mg 148	52	93	0.85	70	95	0.88
Jan 03	56	46	0.23	74	54	0.31
Nad 36	57	71	0.48	74	77	0.53
Jos 35	59	52	0.27	75	70	0.43
Ago 33	60	57	0.30	77	83	0.62

(Adaptada de NARO & SCHERRE, 2003a: 50 - 52)

Os autores constatarem que, mesmo variando amplamente suas taxas de concordância, a hierarquia dos falantes é mantida de forma semelhante à da Amostra de 80. Aqueles que exibiam taxas mais altas, e também as mais baixas, tenderam a manter esse comportamento, mesmo depois de quase vinte anos, e nenhum falante diminuiu as taxas de concordância nesse intervalo de tempo.

Diante desse fato, os autores afirmam não terem certeza se o aumento da concordância, nos indivíduos escolarizados, foi provocado pelo aumento dos anos de escolarização ou pela idade inicial que se associa à entrada no mercado de trabalho. Para eles, há razões, independentemente da educação formal, que poderiam dar conta

do maior aumento da concordância pelo grupo que apresentou aumento de nível de escolarização, ou seja, o aumento da escolarização não seria o fator responsável pelo aumento da concordância.

Os autores focalizam, também, a mudança relativa à CV demonstrando a sistematicidade no efeito da variação “posição linear” que atua de forma paralela nos dois momentos de tempo considerados e mostram que o fato de terem se passado vinte anos entre as duas mostras não alterou os resultados já obtidos em outros estudos. Eles encontram os seguintes resultados:

**Tabela 7: Frequências e pesos relativos para a presença de concordância verbal em função da variável “posição linear” nas duas Amostras**

Posição relativa	Amostra 80 (I)		Amostra 2000 (I)	
	Ocorrência %	P.R.	Ocorrência %	P.R.
Sujeito à esquerda mais próximo	534/723 = 74	0.60	628/718 = 87	0.61
Sujeito à esquerda mais distante	9/23 = 39	0.23	8/24 = 75	0.43
Sujeito à direita	14/44 = 32	0.10	1/35 = 60	0.18
Sujeito zero distante	56/64 = 88	0.82	31/40 = 77	0.47
Sujeito zero próximo	131/292 = 45	0.28	196/290 = 68	0.30
<b>TOTAL</b>	<b>744/1.146 = 65%</b>		<b>896/1.107 = 81</b>	

(Adaptada de NARO & SCHERRE, 2003: 59)

Os autores percebem que, em termos individuais, o que ocorreu foi o deslocamento para uma frequência de uso de concordância mais alta sem mudança no ambiente estrutural analisado. Ao compararmos os resultados das Tabelas 6 e 7, é possível identificar a mesma hierarquização na atuação do grupo de fator lingüístico.

Oliveira (2005) centra-se, em seu estudo, no *corpus* constituído por falantes da cidade de Vitória da Conquista – BA. Reúne falantes de três níveis de escolaridade: fundamental, médio e universitário; e, em 3.200 dados, encontra 49% de ausência de concordância na 3PP, ou seja, 1.561 dados com a ausência de concordância entre o sujeito e o verbo. Para a autora, a concordância entre o verbo e o sujeito na 3PP, no dialeto estudado, estaria em variação estável, mas “se existe uma tendência na comunidade lingüística pesquisada, essa tendência seria a de no futuro termos uma situação de mudança para um paradigma flexional verbal que resgata essa marca [...]” (OLIVEIRA, 2005: 147). Pressupõe que exista na

comunidade de fala investigada uma tendência que contrarie a maioria das pesquisas realizadas no Brasil, uma vez que prevê que há uma situação de mudança em progresso, isto é, há uma tendência de no futuro se ter uma situação de mudança para a aquisição das marcas de concordância verbal.

Entre os grupos de fatores lingüísticos aponta a saliência fônica como a variável de maior relevância para a aplicação da regra de CV. Ao tratar da realização, posição e distância do sujeito na oração, conclui que o contexto lingüístico que mais favorece o aparecimento de formas plurais concordando com o sujeito é aquele em que podemos observar a anteposição imediata. Tal tendência pode ser verificada, também, nos casos em que a anteposição não é imediata, mas há uma distância de no máximo três sílabas entre o sujeito e o verbo. O fator que apresentou menor índice de aplicação da regra de concordância foi o sujeito posposto ao verbo, enquanto que o sujeito “referencial, não realizado” foi o terceiro fator favorecedor da concordância.

No tratamento de fatores extralingüísticos, afirma que os mais idosos tendem mais à ausência de concordância, enquanto que os mais jovens tendem à presença. Conclui que as mulheres apagam menos as marcas de plural do que os homens e, para justificar os dados encontrados, lembra que hoje a situação da mulher deve ser vista não de forma generalizada, pois as mulheres têm assumido papéis sociais que outrora lhe eram proibidos e acrescenta:

A mulher de hoje não é simples e unicamente a dona de casa, mas é aquela que está em competição com os homens no mercado de trabalho, sendo muitas delas os “homens” da casa. E, embora, ainda existam muitos preconceitos em relação a sua condição, elas vão a bares, cinemas, boates, ou seja, não são as mesmas mulheres de ontem. Os dados lingüísticos apenas reforçam os argumentos atuais acerca dessas mudanças no papel e atuação da mulher na sociedade atual. (OLIVEIRA, 2005: 137)

Afirma, ainda, que o fator de maior influência na concordância é a escolaridade. Segundo ela, “a escolaridade é uma ferramenta importante para que a norma padrão se consolide”. (OLIVEIRA, 2005: 147). Os dados da estudiosa demonstram que à medida que cresce o nível de escolaridade, aumentam as chances de ocorrência da presença da CV.

Sgarbi (2006) analisa a variação da concordância entre o verbo e o

sujeito de 3PP, na fala de 144 informantes do Mato Grosso do Sul, distribuídos entre 82 homens e 62 mulheres, com intervalo de idade entre 12 e 50 anos e tempo de escolaridade entre zero e oito anos (atual Ensino Fundamental Completo), parte deles residentes na zona rural e parte na zona urbana. Do total de 832 dados de 3PP encontrados, 439 (53%) apresentam a ausência de concordância nos verbos e o restante dos dados, 393 (47%) apresentam a presença de concordância, obedecendo à regra padrão.

Entre os grupos de fatores lingüísticos que tiveram maior destaque estão os fatores: sujeito pronominal não explícito que condiciona a aplicação da regra, chegando ao percentual de 91%, dado que confirmou a hipótese da autora de que o falante popular ao fazer uso do sujeito oculto, tenderia a realizar mais a flexão verbal; e alguns casos específicos de saliência fônica verbal, como *é/são* e a presença de marca formal de plural em todos os elementos. O que chama a atenção da autora é a pouca relevância do grupo de fator saliência fônica verbal:

Inicialmente, o que nos chamou bastante a atenção foi, justamente, o fato de o grupo de fatores da saliência fônica verbal ter ficado em último lugar na escala de relevância (...), pois nos vários trabalhos que temos lido, há certa recorrência deste grupo de fatores ocupar uma posição mais favorável à CV: 1º ou 2º lugares. (SGARBI, 2006: 128)

Entre os grupos de fatores extralingüísticos os que tiveram maior destaque foram a procedência, o sexo e a escolaridade. As mulheres e os mais escolarizados apresentam maior frequência e probabilidade de realização da concordância do que os homens e do que os de menor escolaridade. A variável mais relevante foi a procedência e os resultados revelam que os falantes rurais sul-mato-grossenses aplicam menos a CV do que os falantes urbanos. O que se mostra interessante e singular, no *corpus* analisado, é o predomínio dos fatores extralingüísticos sobre os lingüísticos: o que é incomum.

Scherre & Naro (2006) analisam três amostras do Rio de Janeiro (RJ) caracterizadas como: a) Amostra 1980-C – amostra aleatória de 64 falantes gravados no início da década de 80; b) Amostra 2000-C – amostra aleatória de 32 falantes gravados no final da década de 2000; e c) Amostra 2000-I – grupo não aleatório de 16 falantes da amostra de 1980, recontactados no final de 1999 e início de 2000,

após um intervalo médio de 18 anos. Os autores focalizam neste trabalho apenas os grupos de fatores anos de escolarização e saliência fônica e seus resultados são:

**Tabela 8: Efeito dos anos de escolarização no uso da concordância verbal em duas amostras aleatórias da comunidade do RJ em épocas diferentes**

Anos de escolarização	Amostra 1980-C		Amostra 2000-C	
	Ocorrência %	PR	Ocorrência %	PR
1 a 4 anos	1.127/1.786 = 63	0.41	486/650 = 75	0.32
5 a 8 anos	1.370/1.760 = 78	0.53	732/857 = 85	0.57
9 a 11 anos	889/1.089 = 82	0.53	413/443 = 93	0.78

(Adaptada de SCHERRE & NARO, 2006: 112)

Os resultados deste grupo de fator indicam que o efeito estatístico dos anos de escolarização sobre a aplicação de concordância se deu de forma desigual no intervalo de 20 anos, ou seja, as pessoas com até 4 anos de escolarização diminuíram os índices do peso relativo de presença de concordância, o que pode ser interpretado, segundo os autores, como uma diminuição do efeito do ambiente escolar no período decorrido entre as duas amostras.

**Tabela 9: Efeito da saliência fônica no uso da concordância verbal por anos de escolarização nas amostras 1980-C e 2000-C**

		1 a 4 anos de escolarização		5 a 8 anos de escolarização		9 a 11 anos de escolarização	
		Frequência	PR	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>Amostra 1980-C</b>	[- saliente]	515/1023 = 50%	0.30	612/879 = 70%	0.31	425/581 = 73%	0.32
	[+ saliente]	612/673 = 80%	0.76	758/881 = 86%	0.69	464/508 = 91%	0.70
<b>Amostra 2000-C</b>	[- saliente]	231/293 = 65%	0.31	360/448 = 80%	0.37	192/210 = 91%	0.43
	[+ saliente]	255/293 = 87%	0.73	370/407 = 91%	0.65	217/229 = 95%	0.56

(Adaptada de SCHERRE & NARO, 2006: 118)

Com relação grupo de fatores lingüísticos saliência fônica, os resultados indicam que o aumento da CV em função dos anos de escolarização implica diminuição do efeito da saliência fônica, além de este fator não ter sido selecionado como relevante para o grupo de falantes de 9 a 11 anos de escolarização para a Amostra 2000-C. Segundo os autores:

a diminuição do efeito de saliência que captamos neste trabalho é, pelo menos em parte, o resultado de um esforço (consciente ou inconsciente), do falante, no sentido de se integrar a padrões de outros grupos sociais e conta com o apoio oficial da ação escolar em favor do uso categórico da concordância.  
(SCHERRE & NARO, 2006: 122)

O registro dos trabalhos feito acima, que não se supõe exaustivo, evidencia com clareza que o fenômeno da variação na concordância, no PB, longe de ser restrito a uma região específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira, apresentando mais diferenças de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas a quantidades de marcas de plural e não aos contextos lingüísticos nos quais a variação ocorre. Dos trabalhos analisados, conclui-se, portanto, que o fenômeno da variação de CV pode ser resultado:

1. Da simplificação do paradigma verbal no PB, que de acordo com alguns autores (cf NETO, 1976; VEADO, 1980 dentre outros), pode se reduzir a oposição entre a primeira pessoa e as outras, sem distinção singular/plural no verbo;
2. Da não aplicação da regra morfossintática variável de CV, ou seja, uma regra que ora se aplica ora deixa de se aplicar;
3. Da interação entre um processo morfossintático variável sincrônico (ou seja, uma regra variável de CV atuando sobre as formas verbais) e processos fonológicos variáveis diacrônicos que teriam atingido as formas verbais do português ainda em seu período arcaico. (Nicolau, 1984).

Dentre esses estudos, aqueles que assumem a concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP como um fenômeno variável apresentam resultados que se aproximam. Como vimos, eles deixam evidente que a presença ou a ausência de concordância é controlada por diversos grupos de fatores, destacando-se a *saliência fônica* da oposição singular/plural dos verbos e a *posição do sujeito* em relação ao verbo como fatores lingüísticos importantes no processo de realização das sentenças. Todos os estudos apontam o sujeito anteposto ao verbo ou imediatamente a ele mais próximo como favorecedor da presença de concordância e o sujeito posposto ao verbo como desfavorecedor. E uma grande parte afirma que quanto mais fonologicamente saliente for a marca de plural nas formas verbais mais os falantes tenderão a empregá-las, ou seja, quando a forma de 3ª pessoa do plural for muita distinta da forma de 3ª pessoa do singular, há mais probabilidade de os falantes fazerem a flexão.

No entanto, os resultados de Nicolau demonstram que não há qualquer evidência de uma relação proporcional entre a ausência de concordância e a variável saliência fônica que distingue singular de plural, mas a constituição morfológica da forma verbal se mostra relevante e permite distribuir os verbos em grupos o que leva a autora a concluir que a ausência de concordância é maior em determinados grupos porque resulta da interação entre processos variáveis – uma regra morfossintática sincrônica e alguns processos fonológicos diacrônicos. Scherre & Naro (2006) destacam, em seus resultados, a não seleção da variável saliência fônica como estatisticamente significativa para o grupo de falantes de 9 a 11 anos de escolarização na Amostra 2000-C, além da diminuição do efeito dessa variável no aumento da concordância. Também para Sgarbi, os percentuais entre as formas verbais de maior ou menor saliência não foram muito diferentes, o que explica o porquê da variável em questão ter aparecido em último lugar de relevância estatística em seu trabalho.

Os estudos apresentados demonstram, ainda, ser importante analisar a distância entre o sujeito e o verbo na aplicação ou não aplicação da CV. Para eles quanto mais próximo ao verbo o sujeito se encontrar, mais facilmente fará uso da regra, sendo o contrário também verdadeiro: quanto mais distante do verbo estiver o sujeito, menores probabilidades de concordância fazem-se presentes. Isso se dá, segundo Naro & Scherre (1999<sup>a</sup>) porque, quando existe uma relação mais direta

entre sujeito e verbo, existem poucas chances de que alguma coisa “interfira” ou “desvie” a realização da concordância, porém quanto menos evidente for esta relação, cresce a possibilidade de “interferência” ou “desvio” que leva a ausência de concordância verbal.

Embora o comportamento dos falantes não tenha apresentado direção única com relação aos grupos de fatores extralingüísticos considerados, nos estudos em questão, mostram-se relevantes: o sexo, a faixa etária, a procedência e o nível de escolaridade. Apesar de alguns grupos serem considerados mais relevantes em alguns estudos e menos relevantes em outros, estes são grupos de fatores que com o embasamento da teoria sociolingüística e interligados a outros (mercado de trabalho, mídia, identificação com os valores de classe média etc.), como visto nos trabalhos de Naro e Naro & Scherre, podem fornecer informações diversas sobre a ocorrência da concordância.

Os grupos de fatores extralingüísticos sexo e faixa etária, que na pesquisa de Lemle & Naro, Nicolau e Oliveira, interferiram na CV, para Naro e Rodrigues indicaram resultados diferenciados: o grupo sexo não interferiu e o grupo faixa etária teve baixíssima interferência. Para Rodrigues, Vieira e Sgarbi foi o fator extralingüístico procedência que atuou com força e desencadeou a CV, ao contrário do estudo de Scherre (2002), que demonstrou que não há distinção geográfica na variação de concordância de número. O grupo de fator nível de escolaridade, de acordo com os estudos de Motta, Silva & Votre, Monguilhott, Scherre & Naro e Sgarbi teve grande interferência na presença ou ausência da regra de CV, pois os indivíduos menos escolarizados tendem a um baixo grau de concordância. Entretanto, Rodrigues, Vieira e Naro & Scherre afirmam não terem certeza se o aumento na taxa de concordância está ligado ao aumento do nível de escolarização.

Todos os estudos buscam, através da análise qualitativa e quantitativa, caracterizar a variação da concordância e esses estudos não postulam uma única caracterização, ou seja, uma polêmica se instala a esse respeito. Segundo Lemle & Naro, Naro, Rodrigues e Sgarbi a regra de CV constitui um processo de mudança lingüística em progresso (em direção a um sistema sem concordância). Para Nicolau, Scherre & Naro e Oliveira este fenômeno consiste numa variável estável.

Apesar de considerarem a regra de concordância como uma regra variável, Graciosa encontra uma regra categórica e juntamente com Vieira acredita

que há fortes tendências à aquisição de padrões que conduzam à aplicação da regra de concordância no discurso dos indivíduos mais novos em comparação ao dos mais velhos. No entanto, segundo Vieira, os índices de ausência de concordância obtidos em cada localidade indicam um quadro de instabilidade de comportamento lingüístico (embora os mais novos concordem mais que os mais velhos, às vezes ocorre o contrário).

Concluindo, pretendemos neste trabalho fazer uma reflexão sobre que tipo de fenômeno reflete a regra de concordância verbal, no português falado em Braúnas, verificando se ela reflete ou não um processo de mudança lingüística em progresso, além de desejarmos saber como a fala de nossos informantes deverá comportar-se diante dos fatores lingüísticos e extralingüísticos arrolados para serem investigados, quais suas características, o que teremos de novo, ou mesmo, que resultados poderão ratificar os que já temos em outras pesquisas.

# CAPÍTULO 3

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos adotados na realização deste trabalho são os fornecidos pela Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001), que serão explicitados na seção 3.1., abaixo. Este capítulo inclui, ainda, a descrição da comunidade de fala pesquisada, a explicitação dos objetivos e das hipóteses que orientaram a pesquisa, bem como das *variáveis e grupos de fatores* (lingüísticos e extralingüísticos) considerados e dos procedimentos relativos a constituição da amostra, coleta e tratamento dos dados.

### 3.1. Da Teoria da Variação

Foi William Labov, conhecido como precursor da Sociolingüística que, na década de 60, por meio de sua pesquisa sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, quem demonstrou a possibilidade da variação lingüística ser objeto de sistematização. Pela primeira vez alguém conseguiu destacar o papel preponderante dos fatores sociais na explicação da variação lingüística. Em 1964, após o término de sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova Iorque, ele estabeleceu um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de

comunidades urbanas e a esse modelo deu-se o nome de Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação.

A partir da Sociolingüística se puderam conhecer várias realidades lingüísticas antes ignoradas. Desmistificou-se, também, a idéia de língua homogênea e de que a heterogeneidade era impossível de ser sistematizada. Passou-se a conceber a língua como um sistema em constante mutação e profundamente comprometido com a estrutura social em que se insere.

O estudo lingüístico baseado em dados colhidos das práticas orais cotidianas, particularmente da fala espontânea, é o principal campo de pesquisa da lingüística laboviana. A naturalidade contida nesses dados tem muito a revelar acerca das inter-relações entre língua e sociedade, pois elas evidenciam as diversas formas lingüísticas que os grupos sociais utilizam para sua comunicação. Essa indissociabilidade entre a língua e o contexto social estabelece a heterogeneidade ordenada como fator constitutivo de um sistema lingüístico, descartando-se, então, a uniformidade como característica única do jogo comunicativo na linguagem oral (LABOV, 1975: 203).

A partir da idéia de heterogeneidade constitutiva e de inter-relação de língua e sociedade, estabelecem-se os objetivos principais da Teoria da Variação: analisar e legitimar variantes usadas numa comunidade de fala (LABOV, 1975), bem como entender a relação entre variação e mudança lingüística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). Dessa forma, seu objeto de estudo está centrado nos padrões do comportamento lingüístico que são observáveis dentro de uma comunidade de fala e estes padrões são formalizados analiticamente por meio de um sistema heterogêneo, formado por unidades e regras variáveis. Essas regras são assim denominadas, pois ora se aplicam e ora deixam de se aplicar, sua aplicação está condicionada a fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Tal modelo objetiva responder a questões centrais das mudanças lingüísticas a partir de dois princípios teóricos fundamentais: o que informa que o sistema lingüístico, assim como sua comunidade, deve ser heterogêneo e plural e o que afirma que os processos de mudança observados em uma comunidade de fala atualizam-se momento a momento, o que produz uma variação, mas que não obrigatoriamente esta variação implica em uma mudança.

Ainda pensando nos objetivos da Teoria da Variação, compete a ela

explicar a inserção ou encaixamento de uma variável no sistema de relações sociais e lingüísticas de uma comunidade. Apesar de o sistema lingüístico constituir-se de regras e elementos, seu modo de existência é, ao mesmo tempo, individual e social; portanto, o sistema não se fixa de forma absoluta, o que comporta um modelo de análise conhecido como Sociolingüística Quantitativa porque opera com um tratamento estatístico das configurações dos dados coletados. Baseia-se na teoria da probabilidade aplicada aos dados a fim de extrair regularidades altamente ordenadas que governam a variação na comunidade (LABOV, 1994: 25).

A ambição teórica da sociolingüística como ciência é construir um modelo de análise que, contendo elementos especularmente relacionados aos elementos da estrutura lingüística, possa demonstrar as possibilidades de relacionamento entre esses elementos estruturais a partir da correlação com os fatos empíricos (LABOV, 1994: 4). O objetivo maior é construir um conjunto mínimo de princípios gerais que configuram uma teoria da variação e mudança lingüística.

O variacionismo assume a idéia de não uniformidade lingüística e busca compreender toda a organização que existe na língua e que pode ser entendida como deflagradora da diversidade que se observa na fala (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1975). Desta forma, é compreensível a dinâmica interna de competição ou coexistência entre as variadas organizações lingüísticas.

Novamente pontuamos que se denomina variável lingüística ao conjunto constituído por essas organizações lingüísticas diferentes que realizam um mesmo significado referencial (SILVA, 2003: 69). Variantes lingüísticas são cada uma das maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, isto é, com o mesmo valor de verdade (LABOV, 1975: 188), como exemplo, na concordância verbal, o falante diz “*eles foram trabalhar*” ou “*eles foru trabalhá*”, ou ainda “*eles foi trabalhar*”, dependendo, conforme afirma Labov (1975), da função comunicativa (estilística, expressiva) que o falante tenha como objetivo, levando em consideração uma série de fatores, tanto lingüísticos (internos ou estruturais) como extralingüísticos (externos ou sociais).

As variáveis subdividem-se, segundo o autor, em variáveis lingüísticas dependentes e variáveis lingüísticas independentes. Assim, a Concordância Verbal no Português Brasileiro constitui uma regra variável ou uma variável lingüística que comporta duas variantes: a presença ou a ausência da concordância, fenômeno que

pretendemos estudar nessa pesquisa.

A Teoria da Variação interessa-se, dessa maneira, por determinar as pressões lingüísticas e extralingüísticas que se correlacionam às variantes de uma dada variável lingüística. A coexistência de variantes, de um ponto de vista sincrônico, pode indicar uma variação estável, uma mudança de longa duração, ou ainda um processo de mudança lingüística em progresso, isto é, aquela que pode ser observada no curso de uma ou duas gerações (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968: 103).

A abordagem adequada aos estudos sociolingüísticos é a abordagem interpretativo-descritiva, que, além de se ocupar da sistematização da variação, se preocupa também com as repercussões sociais das análises. Assim sendo, a pesquisa sociolingüística pretende basear-se essencialmente na análise do vernáculo, a ser recolhido em situação a mais plural possível.

Na Sociolingüística de base laboviana, o estudo da variação lingüística é de natureza quantitativa. Para tanto, o pacote de programas computacionais VARBRUL (“Variable Rules” de D. Sankoff) é utilizado para o tratamento estatístico dos dados, fazendo cálculos de frequência e probabilidade de aplicação de uma determinada regra gramatical, avaliando o peso relativo de cada fator condicionante e realizando o cruzamento dos fatores. Somente deste modo, torna-se o lingüista apto a identificar os fatores internos e externos que estão direcionando a variação lingüística, bem como estabelecer a correlação entre comportamento lingüístico e estrutura social.

Cabe ao lingüista depreender do *corpus* os fatores condicionantes da aplicação de uma regra variável e avaliar a importância relativa de cada um deles, para aquela comunidade lingüística estudada, ou seja, o pesquisador deve saber detectar qual a importância dos fatores condicionantes para um grupo de pessoas que compartilha traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros; comunica relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilha um conjunto de normas e atitudes diante do uso da linguagem, porque isto é o que representa uma comunidade lingüística e não um grupo de pessoas que fala exatamente igual (LABOV, 1972).

De acordo com Labov, embora os estudos tradicionais de dialetos regionais postulem que o isolamento leva à diversidade lingüística enquanto a

mistura de populações leva à uniformidade, em seus estudos desenvolvidos em centros metropolitanos, ao invés de uma diferenciação horizontal (geográfica), ele percebeu uma diferenciação vertical (social) que não pressupõe isolamento do estrato lingüístico considerado, ou seja, grupos que mantêm relações estreitas podem participar de rápidas mudanças lingüísticas que levam a um grau ainda maior de diversidade.

Em suma, o autor postula a idéia de que a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada de uma dada língua que serve a uma comunidade real auxilia na compreensão da mudança lingüística, bem como da própria linguagem. Acreditamos que todos estes conceitos teórico-metodológicos fornecidos pela Sociolingüística sejam essenciais para uma pesquisa que adota como objeto de estudo um fenômeno de variação observado a partir do uso lingüístico em seu contexto social.

### **3.2. A comunidade de fala: conceitos e delimitação**

Embora seja uma questão central na Sociolingüística Variacionista o conceito de comunidade de fala não é consensual. Ao contrário, trata-se de uma questão que apresenta grande controvérsia, tanto no que concerne ao estabelecimento de limites geográficos ou sociais, quanto no que toca aos critérios de demarcação de uso da língua. As definições ora se apresentam complexas demais, ora muito amplas e pouco precisas, dependendo dos autores que as empregam, possibilitando, dessa forma, diferentes alcances e concepções. O termo tanto pode referir-se a grandes ou pequenas comunidades urbanas ou rurais, quanto a bairros e subgrupos (homens, mulheres, crianças).

No entanto, sabemos que esse é um conceito necessário para a maioria dos investigadores que estudam a variação e mudança, visto que, como sugere Labov (1972), é impossível compreender a variação e a mudança lingüística fora do contexto social da comunidade onde tais fenômenos se produzem. Portanto, um

estudo que leva em conta a variação lingüística, um método produtivo para a observação e coleta de dados, deve partir das situações concretas de uso da fala, ou seja, da comunidade de fala, que, segundo o autor, é constituída por um grupo que compartilha um mesmo sistema normativo de valores na interpretação dos fenômenos lingüísticos, bem como normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Na pesquisa sociolingüística o que se quer analisar é o grupo de indivíduos e não o indivíduo tomado isoladamente, pois, conforme argumenta o autor, o vernáculo<sup>4</sup> é propriedade de grupo e não de um indivíduo. De acordo com Labov (1972: 120-1):

A comunidade de fala não é definida por qualquer acordo marcado no uso de elementos da língua, nem pela participação em um jogo de normas compartilhadas. Estas normas podem ser observadas em tipos manifestos de comportamentos avaliativos e pela uniformidade dos padrões abstratos de variação, invariantes em níveis particulares de uso.<sup>5</sup> (Tradução nossa).

Por estarem os membros da comunidade de fala inseridos em contextos sociais e econômicos que determinam diferenças entre eles, mudam seu comportamento lingüístico conforme mudam os contextos e as estratégias de comunicação. Portanto, os membros de uma mesma comunidade de fala tendem a apresentar comportamentos distintos, de acordo com o conteúdo das interações e com a situação de comunicação. As pessoas não falam sempre da mesma maneira. A variação lingüística reflete, justamente, a necessidade de as pessoas serem vistas como iguais às outras em algumas situações ou como diferentes em outras. Essas necessidades dão orientação ao seu discurso.

A tarefa de definir comunidade de fala não é simples, no entanto, essa dificuldade precisa ser transposta, pois o desenvolvimento de um trabalho, como o que ora se apresenta, assenta-se numa tomada de posição sobre esse conceito, que determina o tipo de amostra a ser selecionada. Para tanto, alguns esclarecimentos

---

<sup>4</sup> Em Labov (1972) vernáculo pode ser entendido como o estilo em que é mínima a atenção prestada ao controle do discurso, ou seja, a fala mais espontânea possível. Trata-se de uma definição interacionista, visto que se manifesta sobretudo nos contextos onde a intensidade da interação social prevalece sobre a individual.

<sup>5</sup> The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariance to respect to particular levels of usage.

que dizem respeito à concepção aqui adotada fazem-se necessários: são partes da comunidade de fala investigada todos os seus membros, que nasceram dentro da área urbana ou rural e nunca se afastaram da localidade com a finalidade de se estabelecerem em outro lugar. Além disso, conforme será observado na seção **3.2.1**, a seguir, compartilham características sociais e atitudes sobre determinados aspectos lingüísticos que caracterizam a comunidade, devido a uma grande integração entre a região urbana e as diversas partes da região rural, uma vez que as igrejas, as instituições escolares e o pequeno núcleo comercial cumprem o papel de estabelecer contato entre os indivíduos destas duas áreas. O contato entre essas pessoas pode ser definido como aquele em que as relações são pessoais, íntimas e espontâneas, já que as atividades praticadas e a interação entre as pessoas são mais constantes e mais próximas do que aquelas que ocorrem em cidades com um maior número de habitantes.

A proposta deste trabalho tem como base os dados coletados de falantes da comunidade de fala de Braúnas, pequeno município mineiro, cuja população vive da terra e de pequenos serviços comuns ao homem do campo. Por estudarmos a língua como fato social, além de levarmos em conta a procedência rural ou urbana dos informantes desta comunidade, pensamos ser interessante fazer uma descrição dos aspectos geográficos, históricos e socioculturais que permeiam os falantes braunenses.

### **3.2.1. Braúnas – Vale do Rio Doce/MG**

Por volta de 1825 o Governo concedeu doze sesmarias de terras, situadas entre as margens dos rios Santo Antônio e Rio Guanhães, aos irmãos da Família Figueiredo Neves, para o cultivo e povoamento. Logo que aqui chegaram, encontraram um pequeno rio que serviu de marco e ponto de referência para os primeiros desbravadores da região. Às margens do pequeno rio havia grande quantidade de madeira chamada Braúna (de “ybira-una”, ou madeira preta, em

linguagem indígena, nome de madeira nobre) a qual deu origem ao nome do município.

Com o correr dos tempos passaram estas terras à posse do Alferes Fortunato do Carmo e seus descendentes. Estas Sesmarias foram transformadas em Fazendas que tinham os nomes de Fazenda Barretina, Mato Grosso e Mariquita, sendo a última a principal pelo seu tamanho e proximidade de local de origem do Município. A região era grande e precisava de mais pessoas para explorá-la, a notícia se espalhou e as famílias começaram a aparecer. São considerados os fundadores de Braúnas: Alferes Bento Pinto de Aguiar e Joaquim Francisco Vieira, Dona Mariquita, proprietária da fazenda com o mesmo nome, que doou parte de suas terras a Nossa Senhora do Amparo, para construção da primeira capela, a qual foi construída bem no alto do morro, ao lado do cruzeiro que o primeiro proprietário ali erguera. Joaquim Francisco Vieira era carpinteiro e exerceu a sua função na construção da primeira capela e das casas do povoado. Além desse trabalho, cultivava a terra e utilizava-se da caça e da pesca que era farta na região. Na proximidade da grande árvore de braúna foi colocada a primeira casa comercial, chamada Casa Santo Antônio. A vila foi crescendo e com ela a população. A pecuária principal era a criação de suínos que eram vendidos para os comerciantes de Santa Bárbara, Viamão (hoje Carmésia), Governador Valadares, Coronel Fabriciano, Belo Horizonte, dentre outros. Por não haver estradas o transporte era feito em burros os quais eram selecionados em número de 10 tropas.

Devido à fertilidade natural de suas terras, a fundação e desenvolvimento do povoado foram favorecidos e, em 1881, foi criado o Distrito de Braúnas de Guanhões. Em 1885 foi fundada a Escola da Comunidade de Braúnas e na mesma época houve eleição e posse do primeiro Juiz de Paz. O povo resolveu formar os partidos em 1904, sendo PP (Partido Pelado) e PC (Partido Cabeludo). Em 1948 foram feitos estudos e Braúnas foi escolhida como local ideal para a instalação de uma usina hidrelétrica, porque possuía um enorme queda d'água, a cachoeira do rio Santo Antônio, denominada cachoeira Salto Grande. Iniciou-se, então, a construção da Usina Hidrelétrica do Salto Grande denominada Américo René Gianetti, sendo nesta época (1948 a 1950) aberta a estrada que ligava Salto Grande (Braúnas) a Farias; sendo assim, entra na cidade o primeiro carro, que pertencia ao construtor da estrada (Cia Alambra).

Braúnas emancipou-se dia 12 de dezembro de 1953, está localizada na região nordeste de Minas Gerais, pertencendo à Bacia do Rio Doce, Sub-bacia do rio Santo Antônio e à região metropolitana do Vale do Aço. Limita-se ao norte com Guanhães, ao sul com Joanésia, a leste com Açucena e a oeste com Guanhães e Dolores de Guanhães. Distancia-se 287 km da capital, Belo Horizonte e 80 km de Ipatinga. A ligação com os grandes centros é feita exclusivamente por estradas não pavimentadas, o que torna a cidade semi-isolada em meio às montanhas de Minas.

O município possui uma área total de 376, 23 km<sup>2</sup>, 03 vilarejos e mais de 47 comunidades rurais, com distâncias que chegam até 23 km da sede, com acesso em estradas de terra. A população residente em 2007 caracteriza-se por um total de 5.041<sup>6</sup> pessoas, sendo 3.950 da área rural e 1.091 da área urbana, 2.470 homens e 2.571 mulheres, conforme Tabela 10 abaixo:

**Tabela 10: Consolidado das famílias cadastradas no ano de 2007<sup>7</sup>**

Sexo	Faixa etária (anos)										
	<1	1 a 4	5 a 6	7 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 39	40 a 49	50 a 59	>60	total
<b>M</b>	28	138	79	146	254	259	641	309	215	401	2.470
<b>F</b>	37	158	70	140	257	229	649	304	234	493	2.571
<b>Total</b>	65	296	149	286	511	488	1290	613	449	894	5.041

(SMS/PSF/SIAB 2007)

Apesar da preocupação da administração municipal quanto às questões ambientais, como a criação de uma Área de Preservação Ambiental – APA Pitanga e de uma Estação de Tratamento de Esgoto – ETE, a falta de informação principalmente junto aos produtores rurais tem provocado o desmatamento acelerado e o mau gerenciamento dos solos. Esta situação tem acelerado os processos erosivos, a redução das vazões durante a seca e o volume das enxurradas durante o período chuvoso provocando o assoreamento dos cursos d'água.

O setor secundário caracteriza-se pela presença de estabelecimentos comerciais de pequeno porte como: bares, mercearias, uma drogaria, dois depósitos de material de construção e duas casas de produtos agropecuários, ocupados por mão de obra familiar. A prefeitura constitui o maior empregador e, aliado ao salário dos aposentados, é responsável pelo movimento do comércio local. O setor terciário é

<sup>6</sup> Fonte: Prefeitura Municipal de Braúnas/MG

<sup>7</sup> Fontes: SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica/ Secretaria Municipal de Saúde

inexpressivo.

O município possui apenas um escritório de contabilidade, um cartório de registro civil, dois postos de agências bancárias e uma unidade básica de saúde. A demanda de bens duráveis e de serviços mais complexos é obtida principalmente em Ipatinga, Guanhães, Governador Valadares e Belo Horizonte.

A educação no município apresenta um índice de analfabetos adultos preocupante e indicadores de qualidade nos exames do SIMAVE e Avaliação Censitária que precisam ser revertidos. Das 10 escolas do município, somente 02 estão localizadas na área urbana, as outras estão localizadas na área rural. Como as comunidades rurais ficam distantes das escolas, o transporte escolar torna-se necessário. A população estudantil de Braúnas em 2006 registrava 80,50% de taxa de alfabetização:

**Tabela 11: Diagnóstico Educacional de Braúnas/MG<sup>8</sup>**

	<b>Pré-Escola</b>	<b>Ensino Fundamental</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Educação de Jovens e Adultos</b>	<b>Total Geral</b>
<b>Rede Municipal</b>	72	509	-	13	594
<b>Rede Estadual</b>	-	538	221	-	759
<b>Total</b>	<b>72</b>	<b>1047</b>	<b>221</b>	<b>13</b>	<b>1353</b>

A implantação dos programas sociais do governo, Bolsa-escola, Bolsa-alimentação, Vale-gás e PETI, hoje chamados de Bolsa-família, também trouxe reflexos positivos para muitas famílias, porém, a necessidade de medidas efetivas que promovam geração de renda torna-se indispensável para a melhoria deste precário quadro sócio-econômico e, conseqüentemente, melhoria da qualidade de vida da população.

---

<sup>8</sup> Fonte: Secretaria Municipal de Educação/2006

### 3.3. Objetivos e hipóteses

O objetivo principal desta pesquisa é verificar se a concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP no município de Braúnas/MG está deixando de se realizar, e isso, conforme sugere a observação assistemática da fala dessa comunidade, ocorre tanto na fala dos menos escolarizados quanto na fala dos mais escolarizados, tanto na fala da área rural quanto na fala da área urbana – diferentemente do que apontam os resultados de estudos anteriores sobre a concordância verbal em outras regiões brasileiras. Assumimos como objetivos específicos:

- a. Analisar a variação de concordância, tratada como variável, focalizando a ausência de concordância na fala dos moradores do município de Braúnas/MG.
- b. Analisar o comportamento dessa variável condicionada por grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que determinam a aplicação ou a não aplicação da regra morfossintática de concordância entre o verbo e o sujeito de terceira pessoa do plural.
- c. Focalizar o papel do fator extralingüístico “nível de escolaridade” como inibidor ou não da ocorrência da ausência de concordância verbal.
- d. Verificar se o fenômeno focalizado reflete um estágio de variação lingüística estável ou um processo de mudança em progresso.

Assim, o presente trabalho orientou-se pelas hipóteses iniciais, enumeradas a seguir:

1. A ausência de concordância verbal é altamente freqüente na comunidade de Braúnas;
2. A presença de concordância nos verbos do pretérito perfeito, quando ocorre, apresenta um alto índice de concordância não-padrão;

3. A realização variável da concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP é influenciada pelos grupos de fatores lingüísticos constituição morfológica da forma verbal e posição do sujeito em relação ao verbo e por dois grupos de fatores extralingüísticos: faixa etária e sexo;
4. De acordo com observação assistemática da fala do município investigado a ausência de concordância é a opção preferida tanto pelos falantes menos escolarizados quanto pelos falantes mais escolarizados e, tanto na fala dos informantes da área rural quanto na fala dos informantes da área urbana.

### **3.4. As variáveis e os grupos de fatores**

Na perspectiva da Sociolingüística Variacionista a variação lingüística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. De acordo com Labov (2001) em estudos sociolingüísticos existe a necessidade de se estabelecerem parâmetros tanto de ordem lingüística, como de ordem extralingüística (sexo, faixa etária, escolaridade, procedência, dentre outros) para possível interpretação dos fenômenos que envolvam variação.

Naro (2003: 25) explicita que grande parte do êxito no trabalho do pesquisador encontra-se justamente nessa escolha:

... cabe [ao lingüística] a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua.

Sendo assim, a quantificação por si só não é ciência. Os dados não apenas precisam ser coletados e analisados estatisticamente, mas precisam ter seus fatores significativos medidos, isolados e interpretados qualitativamente pelo lingüista, a fim de que haja uma contribuição efetiva de qualquer pesquisa para o

progresso do conhecimento lingüístico.

Os grupos de fatores lingüísticos ou extralingüísticos podem explicar a diferença entre a presença ou a ausência de uma determinada variante na fala dos diversos segmentos sociais. A variável dependente em estudo constitui-se, inicialmente, de duas variantes, às quais foi acrescida uma terceira em função de um refinamento da análise com vistas a uma melhor descrição do comportamento das formas verbais do pretérito perfeito do indicativo:

Ø - ausência de concordância verbal:

(1) Eles *ficava* mais quietim... (INF. DEMJMU, Linha 7)

1 - presença de marcas de concordância padrão:

(2) Eles também *acharam* milhó... (INF. ELIJMU, Linha 513)

2 – presença de marcas de concordância não-padrão

(3a) ...mas depois eles *proibirũ* o boné na iscola...

(INF. HENJMR, Linha 253)

(3b) aí eles ficaru... ficaru bravos (INF. SIMJFU, Linha 41).

Os exemplo (3a) e (3b) ilustram a presença de marcas de concordância não-padrão nas formas de pretérito perfeito do indicativo: o ditongo nasal átono final [-ãw] realizando-se, variavelmente, como [-ũ] e como [-u ]. Essas formas de pretérito perfeito serão analisadas isoladamente, com os seguintes objetivos:

1. Verificar a freqüência dessas marcas de concordância não-padrão em relação ao total de ocorrências das formas desse tempo verbal que inclui também: formas sem marcas de concordância e formas com marca de concordância padrão;
2. Identificar os possíveis grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam tal variação.

### 3.4.1. Dos fatores lingüísticos e extralingüísticos

Os estudos lingüísticos já realizados sobre a variação na concordância verbal no PB comprovam a importância de alguns fatores para se explicar essa variação - alguns que atuam como favorecedores da presença de CV e, outros que se mostram como desfavorecedores dessa presença. Os grupos de fatores considerados em nosso trabalho são aqueles tidos como relevantes nos referidos estudos e que se encontram sintetizados no Capítulo 2. A identificação desses grupos é feita a seguir:

#### **Grupo 1: Constituição morfológica da forma verbal**

O controle da constituição morfológica da forma verbal foi estimulado, primeiramente, pela leitura da descrição dos primeiros dialetólogos sobre a concordância verbal (seção 2.2) que, em geral, apontam a preponderância da ausência de concordância, mas indicam que, na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, se verificava a concordância. E segundo, pelos resultados de Nicolau (1984), que observou que essa variável influencia significativamente a ausência de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP.

Para a autora, os mais altos índices de ausência de concordância verbal estão relacionados aos verbos “regulares” que apresentam terminações átonas -am e -em e as outras formas verbais que também apresentam a terminação átona -am e o pretérito perfeito do indicativo favorecem a presença de concordância, mas nas formas de pretérito perfeito verifica-se que a concordância não-padrão apresenta frequências muito superiores às apresentadas pela concordância padrão, ou seja, as formas de pretérito perfeito, que apresentam marcas de pluralidade, têm suas terminações realizadas como [-ãw ~ -ũ ~ -u] – a primeira realização considerada padrão e as outras duas, não-padrão. Nesse trabalho, adotamos os seguintes fatores, baseados na autora:

**Quadro 2: Formas verbais segundo a constituição morfológica**

<b>Grupo</b>	<b>Fatores</b>	<b>Formas verbais</b>
<b>Constituição da morfológica forma verbal</b>	<b>R</b> – verbos regulares	Faz/fazem; quer/querem; fizer/fizerem; falava/falavam; venda/vendam; cantasse/cantassem
	<b>P</b> – verbos do pretérito perfeito	Falou/falaram; veio/vieram; disse/disseram; fez/fizeram; deu/deram; teve/tiveram; quis/quiseram; pôs/puseram; foi/foram etc.
	<b>A</b> – verbos com terminação acentuada	Dá/dão; é/são; está/estão; vai/vão; falará/falarão etc.

### **Grupo 2: Posição do sujeito em relação ao verbo**

As análises variacionistas revelaram que a presença, posição e distância do sujeito, em relação ao verbo, também influenciam na ausência ou presença da marca de concordância na 3PP. Todos os estudos apontam a posição à esquerda do verbo – posição de proeminência tópica – como favorecedora da presença da marca de plural do verbo, independentemente do grau de escolarização dos falantes.

Nas estruturas de diversas línguas, o verbo pode aparecer imediatamente após o sujeito ou invertido em posição à direita, sem qualquer material interveniente separando os constituintes ou com um, dois, três ou mais elementos intercalados entre o sujeito e o verbo. Como, em comparação a outras unidades, a sílaba ainda se mostra a menos problemática, nesta pesquisa estabelecemos como critério de medida de distância o número de sílabas canônicas, entendendo-se como canônica neste caso

Aplicação, na FONÉTICA e na LINGÜÍSTICA, do sentido geral do termo, com referência a uma FORMA citada como NORMA ou padrão, nos casos de comparação. (CRYSTAL, 1988: 43)

Nossa hipótese para esse grupo de fatores lingüísticos é a de que quanto maior a quantidade de material interveniente entre o sujeito e o verbo ou a distância entre as orações, maior será a probabilidade de ocorrer a ausência de concordância verbal, e o contrário também acontecendo: menor quantidade de material interveniente possibilita maiores chances de a concordância ser feita. Assim, para verificarmos essa hipótese na amostra, estabelecemos as categorias “com até cinco

sílabas” ou “mais de cinco sílabas”, “expresso em oração anterior/próxima” ou “expresso em oração anterior/distante”, uma vez que para os dados de que dispúnhamos a referida categorização atendia satisfatoriamente:

**Quadro 3: Categorização dos fatores em função da posição do sujeito**

<b>Grupo</b>	<b>Fatores</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Posição do sujeito em relação ao verbo</b>	B. Sujeito imediatamente anteposto	(4) Papai e mamãe ensinava a gente (INF. SSYBIFR) <sup>9</sup>
	C. Sujeito anteposto pouco distante (separado por material interveniente com até cinco sílabas)	(5) então aqueles qui era mais lento né (INF. DEMCJMU)
	D. Sujeito anteposto muito distante (separado por material interveniente de mais de cinco sílabas)	(6) os torcedores num:: num se não se... não se comporta né (INF. FERDJMR)
	E. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/próximo	(7) [ELAS] fizeram muitas coisa boa aqui (INF. MAREIMR)
	O. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/ distante	(8) [ELAS] trouxeram farmácia pra í... (INF. MAROIMR)
	F. Sujeito posposto	(9) e fica os projeto em observação (INF. ZEFAMU)

### **Grupo 3: Faixa etária**

Na maioria das sociedades, a idade é uma importante categoria para a interação e a organização social. Para que possamos falar em mudança lingüística, com base nos resultados de análise, é necessário, conforme Labov (1981), que constatemos a diferença etária, o que ainda não pode ser considerado como condição suficiente para a existência de mudança, já que as diferenças de fala podem indicar apenas gradação de idade. A fim de verificarmos se a idade tem algum peso nas escolhas lingüísticas dos falantes, estabelecemos três faixas etárias: **Faixa J** = jovens de 15 a 18 anos, **Faixa A** = adultos de 35 a 45 anos e **Faixa I** = idosos de mais de 63 anos. Partimos da hipótese de que a ausência de concordância verbal é mais freqüente na fala dos jovens: inclinados ao novo, ao diferente, seriam mais

<sup>9</sup> As letras em caixa alta, que aparecem no final dos exemplos, correspondem à identificação do informante dos nossos dados (Quadro 4, página 68): As três primeiras letras são relativas ao nome do informante; a quarta indica a posição do sujeito em relação ao verbo, a quinta letra refere-se a faixa etária (J – Jovem, A – Adulto, I – Idoso), a sexta letra ao sexo (M – masculino ou F – feminino) e a última à procedência do informante (R – rural ou U – urbano)

permeáveis às formas inovadoras; e decresce em relação à idade dos outros informantes: os adultos mais expostos à competitividade do mercado de trabalho, em que talvez seja valorizado e exigido maior domínio verbal, apresentariam maior obediência ao padrão de prestígio e entre os idosos, também se poderia esperar, em grau elevado, atitudes conservadoras – a presença de concordância. Note-se, porém, a observação de Callou (1987: 34):

Tradicionalmente considera-se que os hábitos lingüísticos de representantes da geração mais jovem são menos “conservadores”. Isto, no entanto, nem sempre ocorre. A divisão em faixas etárias é completamente arbitrária e tem em geral razões práticas.

#### **Grupo 4: Sexo**

A escolha deste grupo de fatores deve-se à importância da diferença de sexo como condicionante da heterogeneidade lingüística. Desejamos comprovar se o desempenho por parte das mulheres será inovador como atesta Callou (1987: 143) “as mulheres adotam mais prontamente que os homens as formas novas” – correspondendo à postura mais arrojada que elas vêm assumindo em seu papel social, com a efetiva inserção no mercado de trabalho, ou numa outra direção, mantêm-se como detentoras das formas canônicas – “as mulheres, em nossa sociedade, generalizadamente, são mais conscientes das formas de status que os homens” -: submissas aos padrões, condicionadas pela tarefa de educação das crianças e, por isso, talvez mais atentas, cuidadosas, disciplinadoras. Para a autora existe uma relação de fatores lingüísticos e extralingüísticos que interferem numa mudança em curso, que parece ter tido início em locutores do sexo feminino.

## Grupo 5: Procedência

Embora seja uma tendência da geografia lingüística tradicional abranger dados apenas de áreas rurais, Ferreira & Cardoso (1994) destacam a importância de se incluir as áreas urbanas, nos estudos variacionistas. Assim, decidimos pela divisão da comunidade de fala em áreas: **R** = rural e **U** = urbana. O critério para definição de área urbana ou rural foi baseado na lei municipal nº 160/2006, Capítulo II, Artigo 4º, § 1º, “Lei de Uso e Ocupação do Solo” que considera área urbana a que possua pelo menos dois dos seguintes equipamentos mantidos pelo poder público:

1. Meio-fio ou pavimentação, com ou sem canalização de águas pluviais;
2. Sistema de abastecimento de água;
3. Sistema de esgotamento sanitário;
4. Rede de iluminação pública, com ou sem posteamento para distribuição domiciliar;
5. Unidade básica de saúde ou posto de saúde a uma distância de 3 km (três quilômetros) dos limites da parte considerada

Considera-se área de expansão rural aquela que não disponha do exigido acima; e como grande parte da população que forma a comunidade braunense é originária da área rural (migrante para a área urbana), ou tem parentes que moram ou já moraram no campo, é forte o vínculo dos braunenses com a vida rural. Desta forma, acreditamos ser importante verificarmos como o fator lingüístico procedência pode influenciar a presença ou a ausência de CV no universo pesquisado. Nossa hipótese é a de que os informantes tanto da área rural quanto os da área urbana apresentam um alto índice de ausência de concordância.

## Grupo 6: Nível de escolaridade

Ao controlarmos o grupo de fatores níveis de escolaridade, estamos procurando observar qual a importância do letramento no comportamento lingüístico dos falantes de Braúnas/MG e, em vista disto, tentamos analisar a fala de indivíduos com diferentes níveis de escolaridade: até 4 anos de escolarização (Ensino Primário<sup>10</sup>), entre 8 e 11 anos de escolarização (Ensino Médio incompleto), mais de 11 anos de escolarização (Ensino Médio completo) e 15 anos de escolarização (Ensino Superior Completo).

Esta divisão, porém, como veremos, gerou algumas dificuldades. Como no município de Braúnas o acesso a estabelecimento de ensino era restrito: só há poucos anos existe escola de Ensino Médio (desde 1986), quase todas as pessoas mais velhas concluíram apenas o antigo Ensino Primário. Poucas pessoas puderam estudar em outra cidade e concluir o Ensino Médio. Com relação aos adultos do sexo masculino também encontramos problemas, pois os mesmos não estudaram mais que 11 anos. Entre os jovens não encontramos os que possuíam apenas 4 anos de escolarização (diferentemente dos mais velhos), graças à situação do ensino no Brasil, que há algumas décadas era pior que a atual.

Nosso objetivo em investigar este grupo é averiguar se há uma grande correlação entre maior nível de escolaridade e a preservação da regra de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP ou se esse fator tem diminuído consideravelmente sua influência inibidora. A nossa expectativa é a de que a escola não estaria influenciando tanto a presença de concordância verbal na fala dos moradores da comunidade pesquisada.

Em resumo, na análise apresentada neste trabalho, foram, considerados: uma variável dependente (constituída, inicialmente, de duas variantes e, para fins específicos, de três variantes) de seis grupos de fatores (ou variáveis independentes). A codificação dessas variáveis e dos fatores incluídos em cada uma delas pode ser vista no Quadro 4, a seguir:

---

<sup>10</sup> O que corresponde, hoje, no atual Ensino Brasileiro, ao Ciclo Complementar de Alfabetização

**Quadro 4: As variáveis e os grupos de fatores**

<b>VARIÁVEL DEPENDENTE</b>	<p>Ø. ausência de concordância verbal</p> <p>1. presença de marcas de concordância padrão</p> <p>2. presença de marcas de concordância não-padrão</p>	
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b>	<b>Grupos</b>	<b>Fatores</b>
	1. Constituição morfológica da forma verbal	R. Verbos regulares P. Pretéritos perfeitos T. Terminação acentuada
	2. Posição do sujeito em relação ao verbo	B. Sujeito imediatamente anteposto C. Sujeito anteposto pouco distante (separado por material interveniente com até cinco sílabas) D. Sujeito anteposto muito distante (separado por material interveniente de mais de cinco sílabas) E. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/próximo O. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/distante F. Sujeito posposto
	3. Faixa etária	J. jovem A. adulto I. idoso
	4. Sexo	M. masculino F. feminino
	5. Procedência	U. urbano R. rural
	6. Nível de escolaridade	3. até 4 anos de escolarização (Ensino Primário) 4. entre 8 e 11 anos (Ensino Médio incompleto) 5. mais de 11 anos (Ensino Médio completo) 6. 15 anos (Ensino Superior completo)

### 3.5. A constituição da amostra

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos da fala de informantes, escolhidos aleatoriamente entre os membros da comunidade de Braúnas e caracterizados em função de três grupos de fatores extralingüísticos: faixa etária, sexo e procedência. Temos, assim, seis células na amostra, com seis informantes em cada uma, constituindo um total de trinta e seis informantes: 12 informantes jovens, 12 adultos e 12 idosos; em cada um desses subgrupos, há 6 informantes do sexo masculino e 6 informantes do sexo feminino, dos quais, 3 são da área rural e 3 da área urbana.

Com relação ao perfil social dessa amostra, vale ressaltar que o estudo considera membros da comunidade de fala informantes: a) nascidos e residentes na área urbana ou rural de Braúnas; b) que nunca se afastaram dessa localidade por mais de dois anos consecutivos e c) originários de famílias também ali nascidas e criadas. Durante a pesquisa, tivemos dificuldades em encontrar informantes com nível de escolaridade correspondente a cada faixa etária. Em virtude disso, este grupo de fatores extralingüísticos foi codificado, mas não pôde ser controlado. Os 36 informantes se distribuem em:

**Quadro 5: Quantidade de informantes relacionados ao grupo de fatores nível de escolaridade**

Faixa etária	Sexo	Nível de escolaridade			
		Até 4 anos de escolarização	8 anos de escolarização	11 anos de escolarização	15 anos de escolarização
Faixa J	M		05	01	
	F			06	
Faixa A	M			05	01
	F				06
Faixa I	M	05		01	
	F	03		02	01
<b>TOTAL</b>		08	05	14	08

A atuação profissional dos informantes é a seguinte: os jovens são estudantes; todas as mulheres adultas são professoras em exercício na área urbana ou

rural de Braúnas e os homens, quase em sua totalidade, ocupam um cargo considerado socialmente de destaque na cidade (professor, vereador ou funcionário da CEMIG, única empresa de Braúnas); todas as mulheres mais idosas foram professoras do antigo Ensino Primário, e todos os homens idosos ocuparam algum cargo de destaque na comunidade: delegado ou vereador. Para a descrição da organização social da população foram observados os seus diferentes estilos de vida, condições de habitação, profissões dos entrevistados e dos pais e as diferentes redes (CHAMBERS, 1995) a que pertencem os moradores entrevistados. A descrição da amostra, explicitando como os informantes foram agrupados<sup>11</sup> pode ser vista no Quadro 6, a seguir:

---

<sup>11</sup> Segue anexo a este trabalho o quadro contendo todos os dados dos informantes de nosso *corpus*.

**Quadro 6: Características sociais dos falantes braunenses**

<b>Identificação</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Sexo</b>	<b>Procedência</b>	<b>Nível de Escolaridade</b>
<b>Informante 1</b>	J	F	U	5
<b>Informante 2</b>	J	F	U	5
<b>Informante 3</b>	J	F	U	5
<b>Informante 4</b>	J	F	R	5
<b>Informante 5</b>	J	F	R	5
<b>Informante 6</b>	J	F	R	5
<b>Informante 7</b>	J	M	U	5
<b>Informante 8</b>	J	M	U	4
<b>Informante 9</b>	J	M	U	4
<b>Informante 10</b>	J	M	R	4
<b>Informante 11</b>	J	M	R	4
<b>Informante 12</b>	J	M	R	4
<b>Informante 13</b>	A	F	U	6
<b>Informante 14</b>	A	F	U	6
<b>Informante 15</b>	A	F	U	6
<b>Informante 16</b>	A	F	R	6
<b>Informante 17</b>	A	F	R	6
<b>Informante 18</b>	A	F	R	6
<b>Informante 19</b>	A	M	U	5
<b>Informante 20</b>	A	M	U	5
<b>Informante 21</b>	A	M	U	6
<b>Informante 22</b>	A	M	R	5
<b>Informante 23</b>	A	M	R	5
<b>Informante 24</b>	A	M	R	5
<b>Informante 25</b>	I	F	U	5
<b>Informante 26</b>	I	F	U	5
<b>Informante 27</b>	I	F	U	6
<b>Informante 28</b>	I	F	R	3
<b>Informante 29</b>	I	F	R	3
<b>Informante 30</b>	I	F	R	3
<b>Informante 31</b>	I	M	U	5
<b>Informante 32</b>	I	M	U	3
<b>Informante 33</b>	I	M	U	3
<b>Informante 34</b>	I	M	R	3
<b>Informante 35</b>	I	M	R	3
<b>Informante 36</b>	I	M	R	3

### 3.6. Coleta dos dados

Conforme já mencionado, os dados utilizados neste trabalho foram coletados obedecendo às orientações para uma pesquisa sociolingüística, na área urbana e rural do município de Braúnas. Inicialmente foi feita uma visita e uma entrevista gravada com duração de 60 minutos e estas entrevistas foram individuais, uma com cada um dos informantes, previamente selecionados, conversas que se desenrolaram de maneira espontânea, sem um roteiro pré-estabelecido, sempre nas mesmas condições de produção para a fala do dia-a-dia, isto é, na casa do entrevistado, o que resultou textos mais ou menos semelhantes quanto ao grau de formalidade do discurso.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização do falante que inicialmente foi informado que era um trabalho de pesquisa sobre Braúnas, as diferenças que envolvem o tempo atual e o mais antigo, a escola de antes e a de hoje, enfim, a vida atual e a vida passada. Ao final da entrevista o informante foi avisado que o trabalho seria, na verdade, para uma pesquisa sobre as variedades lingüísticas presentes na fala dos braunenses e mesmo assim concordou que a entrevista fosse utilizada.

Realizamos, então, a transcrição das entrevistas considerando-se como relevantes fatos lingüísticos que constituem marcos da fala do informante, mesmo sabendo da impossibilidade de se preservarem na escrita todos os elementos da oralidade. Merecem destaque os seguintes aspectos da variação fonética:

- a. Elevação/abaixamento das vogais médias pretônicas (imbora < embora, cumida < comida);
- b. Vocalização da palatal (trabaia < trabalha, véio < velho);
- c. Fenômenos de permuta, apagamento ou inserção de diferentes segmentos sonoros (ieu < eu, queu < que eu);
- d. Desnasalização de ditongo nasal final (homem < homi; jovem < jove);
- e. Apócope ou apagamento de consoantes finais (mulher < mulhé; quer dizer < qué dizê);

- f. Síncope (sofrendo < sofreno; contando < contano);
- g. Apagamento de sílabas, como em: tá < está; tiver < estiver;
- h. Acréscimo de sílabas, como em: avoar < voar; alembro < lembro;
- i. Redução de ditongo, como em: caxa < caixa; canto < cantou;
- j. Ditongação: nós < nós; faiz < faz; veiz < vez.

Para os casos de trechos, frases ou palavras ininteligíveis, utilizamos um ponto de interrogação entre parênteses (?); as pausas curtas foram identificadas com dois pontos “:”; enquanto que as longas foram identificadas com reticências “...”. A ênfase era evidenciada com o uso de letras maiúsculas na sílaba e os risos com a palavra (risos) entre parênteses.

### 3.7. Tratamento dos dados

De posse das entrevistas, caracterizadas como textos espontâneos, localizamos todas as orações de sujeito de 3PP. Na codificação e análise incluímos apenas as estruturas em que o sujeito plural, expresso por substantivo ou equivalente de substantivo, fosse identificável, mesmo que apenas pelo contexto. Consideramos também estruturas cujo sujeito estivesse na pergunta do entrevistador. Excluímos os seguintes casos, que têm merecido estudos à parte e/ou que não atendem ao propósito do trabalho:

- a. Sujeito do tipo “indeterminado” que, segundo a GT, são aqueles formados pelos verbos intransitivos e transitivos indiretos, por apresentarem, quase categoricamente, o emprego da 3ª pessoa do plural.

(10)      ó a:: me *cercaram* outro dia por quê?...

(INF. CACAFU, L. 354)

(11) teve festas assim di rodeio lá em Barruadas *convidaru* a gente (INF. HENJMR, L. 265)

- b. Verbos cujas formas do singular e do plural são, praticamente, homófonas, por impossibilidade de distinção da forma singular da de plural. Trata-se de casos do tipo ele tem/vem – eles têm/vêm.

(12) eles *têm* mania de achá qui:: qui eu vou passá no vestibulá (INF. RANJMR, L. 353)

(13) igual *têm* colegas meu di sigundo período terceiro período... (INF. DEMJMU, L. 1522)

- c. De infinitivo flexionado cuja análise apresenta problemas, como em:

(14) era uma dificuldade pra eles *copiar* no caderno tamém. (INF. FIAIFR, L. 680)

(15) que é pra eles *ir* fazeno (INF. CLEAFU, L. 1689)

Infinitivos flexionados constituem uma área de debates tanto na gramática prescritiva quanto na gramática descritiva, e ocorrem com muito pouca frequência na fala espontânea (NARO, 1981: 64)

- d. Ocorrências do verbo SER, cujos constituintes podem ser tomados como sujeito ou predicado; ou denotadoras de tempo ou quantidade, como em (16) e (17):

(16) *São* dois meninos. (INF. CORAM8, L. 153)

(17) Logo depois assim tipo a minha diferença de idade pra C. *são* três anos. (INF. CARJFU, L. 36)

e. Verbo ter no sentido impessoal, com sentido de haver como em:

(18) qui *tinha* poucos professores tamém  
(INF. LUCJMU, L. 196)

(19) aí *ti:: tinha* uns viadu lá quereno ir pra:: pra festa  
(INF. RAQJMR, L. 97)

Marroquim (1945: 203-4) afirma que o uso de ter por haver é geral, “não é mais um solecismo de ignorantes: é a linguagem usual de todos, empregada tranqüilamente, como cousa legítima”, ocorrendo sem que seja considerada uma forma estigmatizada.

f. Ocorrências em que, na própria variante dita padrão, admite-se a variação, tais como aquelas em que da estrutura do sujeito fazem parte as expressões: a maioria de; um dos que; um e outro.

(20) a maioria *tão* planantanu 70% da ária.  
(INF. RANJMR, L. 245)

(21) a maioria das pessoas num *gosta* di vê os outro feliz...  
(INF. LUAJFR, L. 592)

Uma vez selecionados os dados pertinentes, para tratamento e codificação destes dados utilizamos o Programa de Regras Variável (VARBRUL), sendo estes analisados quantitativa e qualitativamente, em função dos fatores relacionados.

# CAPÍTULO 4

## ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1. Da interpretação dos dados

Conforme já mencionado, este trabalho analisa a variação na CV no PB, focalizando a fala de Braúnas, situada no Vale do Rio Doce, Minas Gerais, a partir de uma hipótese geral: na fala dessa comunidade, a ausência de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP é altamente freqüente e condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos. Com base em observação assistemática, assumimos que a ausência de concordância verbal é influenciada pela faixa etária e pelo sexo e, além disso, é a opção preferida por falantes tanto da área rural quanto da área urbana, independentemente do nível de escolaridade. A essa hipótese, acrescentamos outras, específicas, que orientaram a codificação e a análise quantitativa e qualitativa dos dados.

Partindo do pressuposto de que a regra de CV é variável, procuramos verificar se a variação focalizada constitui um caso de mudança em progresso ou variação estável. Como já havíamos observado, no contanto pessoal com a comunidade, que a aplicação dessa regra era comumente pouco usada, nos moldes recomendados pela GT, esperávamos que os índices de variação nos indicassem uma situação de mudança em progresso. Nos estudos dos dialetólogos sobre o tema, sempre se aponta para um enfraquecimento na morfologia flexional verbal, com tendência a um sistema sem marca no PB. Esperávamos, portanto, números significativos de ausência de marca de flexão verbal na 3PP, fato que poderia apontar para a redução do sistema de flexão verbal na comunidade investigada.

Nas 36 entrevistas, realizadas com falantes de Braúnas, foram

encontradas 3.542 orações com sujeito de 3PP, nas quais as formas verbais em estudo pudessem ocorrer. Esses dados foram submetidos a uma análise com a utilização do Programa VARBRUL. Inicialmente, procedemos à análise dos dados considerando a variável dependente constituída por, apenas, duas variantes:

Ø - ausência de concordância verbal

1 - presença de concordância verbal

Analizamos o comportamento dessa variável buscando identificar a influência, ou não, dos seis grupos de fatores (incluindo um total de vinte fatores), inicialmente estabelecidos. Nessa primeira etapa da análise, apenas o grupo faixa etária foi descartado, e os outros cinco grupos de fatores foram selecionados pelo Programa, na ordem de significância representada através da Tabela 12, a seguir:

**Tabela 12: A ausência de CV nos cinco grupos de fatores**

<b>Grupo</b>	<b>Fatores</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
1. Constituição morfológica da forma verbal	R. verbos regulares	1.578/1.893	83	0.73
	P. verbos do pretérito perfeito	426/990	43	0.21
	T. verbos com terminação acentuada	322/659	49	0.30
2. Posição do sujeito em relação ao verbo	B. Sujeito imediatamente anteposto	861/1.434	60	0.40
	C. Sujeito anteposto pouco distante	390/584	67	0.52
	D. Sujeito anteposto muito distante	13/20	65	0.49
	E. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/próxima	478/705	68	0.54
	O. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/distante	365/519	70	0.54
3. Procedência	F. Sujeito posposto	219/280	78	0.79
	U. urbano	1.092/1.871	58	0.39
4. Nível de escolaridade	R. rural	1.234/1.671	74	0.62
	3. até 4 anos de escolarização	591/772	77	0.67
	4. entre 8 e 11 anos (Ensino Médio em Curso)	432/757	57	0.27
	5. 11 anos (Ensino Médio completo)	1.000/1.508	66	0.53
5. Sexo	6. 15 anos (Ensino Superior)	303/505	60	0.50
	M. masculino	1.349/2.065	65	0.52
<b>Total</b>	F. feminino	977/1.477	66	0.47
		<b>2.326/3.542</b>	<b>66</b>	

Os resultados dessa análise inicial são interpretados nas seções a seguir, atentando-se para a atuação dos grupos de fatores lingüísticos e dos grupos de fatores extralingüísticos, respectivamente.

## **4.2. Atuação dos fatores lingüísticos**

Os resultados que revelam o comportamento dos dois grupos de fatores lingüísticos considerados na análise e apontados, pelo VARBRUL, como significativos em relação à ausência de concordância verbal nos dados de Braúnas são apresentados sob a forma de tabelas (que mostram o número de ocorrências, o percentual e o peso relativo associados a cada um dos fatores incluídos nesses grupos) e de gráficos que visualizam as relações, em termos de peso relativo, entre os fatores de tais grupos.

### **4.2.1. Constituição morfológica da forma verbal**

Seguindo Nicolau (1984), que observa que o grupo de fatores constituição morfológica da forma verbal influencia significativamente a ausência de CV, estabelecemos a hipótese de que nos verbos regulares (fator **R**, que apresenta terminações átonas) essa ausência é altamente freqüente e de que nas formas verbais do pretérito perfeito (fator **P**) e nas formas verbais com terminação acentuada (fator **T**) é pouco freqüente.

**Tabela 13: Ausência de CV segundo a constituição morfológica da forma verbal**

Constituição morfológica da forma verbal	Ocorrências	%	PR
R – verbos regulares	1.578/1.893	83	0.73
P – verbos do pretérito perfeito	426/990	43	0.21
T – verbos com terminação acentuada	322/659	49	0.30
<b>Total</b>	<b>2.326/3.542</b>	<b>66</b>	

Os resultados relativos aos fatores desse grupo apontam relação entre a estrutura morfológica da forma verbal e a ausência de concordância verbal, ou seja, a formas verbais estruturalmente diferentes, associam-se índices também diferentes de ausência de concordância verbal no PB. Essa relação é representada pelo Gráfico 1, abaixo, que exhibe os pesos relativos encontrados:

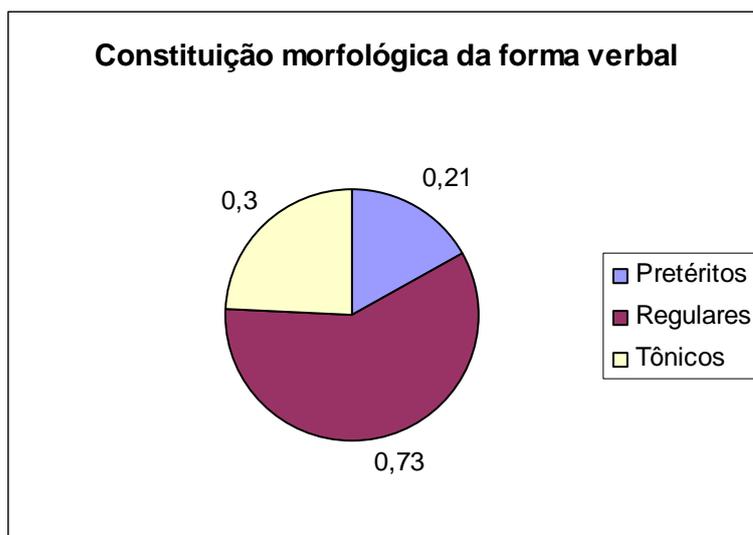


Gráfico 1: A ausência de CV segundo a constituição morfológica da forma verbal

Esses resultados deixam evidente que a ausência de concordância verbal é:

- a. Altamente favorecida pelos verbos regulares, ou seja, em estruturas como as que se encontram nos exemplos (22) e (23) a seguir:

(22) **Com CV:** porque os professores falavam comigo  
(INF. HEN1RBJM4R)

(23) **Sem CV**: porque chegava certas pessoas  
(INF. DEM0RFJM5U)

b. Altamente desfavorecida pelos verbos do pretérito perfeito do indicativo, conforme exemplos (24) (25):

(24) **Com CV**: igual eles fizeru comigo lá na:: na lá dentru da rodoviária  
(INF. NON1PBIM3U)

(25) **Sem CV**: [OCÊS] qui casou com uns trem porqueira  
(INF. MAROPEAF6R)

c. Altamente desfavorecida pelos verbos com terminação acentuada, exemplificados em (26) e (27):

(26) **Com CV**: no:: os bons alunos não são os melhores profissionais  
(INF. CAR1TCJF5U)

(27) **Sem CV**: não não [ELAS] tá não  
(INF. CLE0TOAF6U)

De acordo com Nicolau, a ausência de concordância ocorre mais nos verbos regulares porque resulta da interação entre um processo morfossintático variável sincrônico (uma regra variável de CV atuando sobre as formas verbais) e processos fonológicos diacrônicos variáveis que, conforme Oliveira (1983), teriam atingido as formas verbais do português ainda no seu período arcaico. A ausência de concordância nos verbos do pretérito perfeito e nos verbos com terminação acentuada reflete, exclusivamente, a não aplicação da regra morfossintática variável de concordância verbal, sendo que, nesses últimos, a aplicação dessa regra tem como resultado formas com marcas de concordância padrão; nas formas do pretérito perfeito, no entanto, a aplicação da referida regra tem como resultado formas com marcas de concordância padrão e formas com marcas de concordância não-padrão. A presença, ou não, de marcas de concordância nas formas de pretérito perfeito encontradas nos dados da fala de Braúnas constitui o alvo da subseção seguinte.

### 4.2.1.1. Das marcas de concordância nas formas de pretérito perfeito

Com o objetivo de evidenciar a atuação das formas verbais do pretérito perfeito, os dados foram codificados considerando-se o fato de que tais formas apresentam a marca de concordância padrão (ditongo nasal átono final [-ãw]) e marcas de concordância não-padrão (monotongo nasal ou oral [-ũ ou -u]); em vista disso, a variável dependente passa a ser constituída por três variantes:

- Ø - ausência de concordância verbal (ACV)
- 1 - presença de marcas de concordância padrão (CP)
- 2 - presença de marcas de concordância não-padrão (CNP)

Os resultados obtidos atentando-se para essa particularidade dos pretéritos são, pois, apresentados em termos de porcentagens de ausência de concordância. Conforme mostra a Tabela 14, a seguir, foram registrados 66% de casos em que a concordância se faz ausente e 34% de formas verbais contendo marcas de concordância, dentre as quais 21% de formas com marcas de concordância padrão e 13% com marcas de concordância não-padrão.

**Tabela 14: A concordância verbal na fala de Braúnas**

Variável Dependente	Ocorrência	%
Ausência de concordância	2.326	66
Presença de concordância padrão	735	21
Presença de concordância não-padrão	481	13
<b>Total</b>	<b>3.542</b>	

Na Tabela 15, a seguir, os dados obtidos na comunidade investigada são apresentados, comparando-os aos resultados de Nicolau na amostra de Belo Horizonte.

**Tabela 15: A CV segundo a constituição morfológica da forma verbal nas amostras de Belo Horizonte e Braúnas-MG**

Fatores	NICOLAU (1984)			BRAÚNAS		
	% ACV	% CP	% CNP	% ACV	% CP	% CNP
Fator R	63	37	-	83	17	-
Fator P	18	14	68	43	8	49
Fator T	21	79	-	49	51	-

Os dois trabalhos, quando consideramos os valores associados aos fatores **R**, **P** e **T**, não confirmam a existência do Princípio de Saliência Fônica (PSF), proposto por Lemle & Naro (1977). O esperado era que o resultado fosse **R > P > T**; no entanto, o que vemos é **R > P < T**; ou seja, estes resultados atestam uma relação entre a ausência de concordância e a estrutura morfológica da forma verbal, mas não evidenciam uma relação diretamente proporcional entre a ausência de concordância e o grau de diferença fônica que distingue a forma de singular da forma de plural; portanto, não há confirmação da existência do PSF. Ainda comparando nossos resultados aos obtidos por Nicolau verificamos que:

- a. Nos verbos regulares é muito freqüente a ausência de concordância;
- b. Nas formas verbais do pretérito perfeito há um aumento da ordem de 25 pontos percentuais, na amostra de Braúnas, para a ausência de concordância (18% em Belo Horizonte; 43% em Braúnas);
- c. Nas formas verbais com terminação acentuada observamos um aumento de 28 pontos percentuais para essa ausência (21% em Belo Horizonte; 49% em Braúnas).

É interessante observar, ainda, que os resultados mostram que, nas formas verbais do pretérito perfeito, os casos sem concordância são menos freqüentes do que os casos com concordância, e essa preferência pela concordância explica-se pelo uso de formas verbais com marcas de concordância não-padrão.

Podemos concluir que os resultados, referentes à fala de Braúnas, pequena cidade do interior do estado de Minas Gerais, confirmam os resultados obtidos por Nicolau que examina a fala de Belo Horizonte, grande centro urbano e capital de Minas Gerais; isto é, a ausência de concordância verbal ocorre em

diferentes tipos de formas verbais e é um fato do PB, presente na fala de comunidades bem diversas.

#### 4.2.2. Posição do sujeito em relação ao verbo

A posição do sujeito em relação ao verbo foi o segundo grupo de fatores selecionado pelo Programa. A ausência de concordância se mostrou mais freqüente quando o sujeito está posposto ao verbo do que quando o sujeito está imediatamente anteposto, conforme resultados apresentados na Tabela 16 a seguir:

**Tabela 16: A ausência de CV segundo a posição do sujeito em relação ao verbo**

Fatores	Ocorrências	%	PR
B. Sujeito imediatamente anteposto	861/1.434	60	0.40
C. Sujeito anteposto pouco distante (separado por material interveniente com até cinco sílabas)	390/584	67	0.52
D. Sujeito anteposto muito distante (separado por material interveniente de mais de cinco sílabas)	13/20	65	0.54
E. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/ próxima	478/705	68	0.54
O. Sujeito anteposto expresso em oração anterior/ distante	365/519	70	0.54
F. Sujeito posposto	219/280	78	0.79
<b>Total</b>	<b>2.326/3.542</b>	<b>66</b>	

Inicialmente, foram considerados seis fatores nesse grupo; no entanto, alguns ajustes se fizeram necessários, de modo que:

- a. Os fatores *sujeito anteposto pouco distante* (separado por material interveniente com até cinco sílabas), conforme exemplos (28) e (29) abaixo, e *sujeito anteposto muito distante* (separado por material interveniente de mais de cinco sílabas), exemplos (30) e (31) abaixo, foram reunidos em *sujeito anteposto distante*:

- (28) **Com CV:** alguns com certeza tamém né acham aquelas meninas oferecidas sabe? (INF. LUC. 1RCJF5R)
- (29) **Sem CV:** eles:: eles num sabe não (INF. MAR. ORCAF6R)
- (30) **Com CV:** qui muitos colega meu da escola qui isperavam muito (INF. DEM. 0RDAF6R)
- (31) **Sem CV:** quando eles até mesmo com palavras é chato (INF. ELI. 0TDJM4U )

b. Os fatores *sujeito anteposto expresso em oração anterior/próxima*, como mostram os exemplos (32) e (33), e *sujeito anteposto expresso em oração anterior/distante*, como dos exemplos (34) e (35) foram reunidos em *sujeito anteposto expresso em oração anterior*:

- (32) **Com CV:** qui [AS PROFESSORA] tão tudo com raiva da gente sabe (INF. HEN. 1TEJM4R)
- (33) **Sem CV:** [AS MININA] num pode pegá (INF. CLE. 0REAF6U)
- (34) **Com CV:** as [TURMAS] são boas pra daná (INF. JUN. 1TOJM4U)
- (35) **Sem CV:** [ELES] não deixava não (INF. LUA. 0ROJF5R)

Estes ajustes se fizeram necessários devido ao número de dados ser bastante reduzido em um fator e de resultados de frequência e pesos relativos muito semelhantes em outros. Dessa forma foram controlados quatro fatores, conforme resultado da Tabela 17, a seguir:

**Tabela 17: A ausência de CV segundo a posição do sujeito em relação ao verbo**

<b>Fatores</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
B. Sujeito imediatamente anteposto	861/1.434	60	0.40
D. Sujeito anteposto distante (separado por material interveniente)	403/604	67	0.52
O. Sujeito anteposto expresso em oração anterior	843/1.224	69	0.54
F. Sujeito posposto	219/280	78	0.79
<b>Total de ocorrências</b>	<b>2.326/3.542</b>	<b>66</b>	

A nossa hipótese em relação à atuação desse grupo é a de que quanto maior for a quantidade de material interveniente entre sujeito e o verbo, maior será a probabilidade de não ocorrer a concordância, o contrário também acontecendo: menor quantidade de material interveniente possibilitando maiores chances de a concordância ser feita. Os números da Tabela 17 confirmam tal hipótese: com um peso relativo de 0.40, sentença com *sujeito imediatamente anteposto* ao verbo é o contexto lingüístico que mais favorece a manutenção da presença de concordância, seguido do contexto cujas sentenças tenham o *sujeito anteposto distante* separado por material interveniente, 0.52. O sujeito quando distanciado do verbo, ou por estar em outra oração, ou quando está posposto, é uma restrição ao aparecimento da presença de concordância, 0.54 e 0.79, respectivamente. Portanto, contextos como esses vão pesar no momento entre a aplicação e a não aplicação da concordância. Enquanto a proximidade do sujeito ao verbo favorece a presença de concordância, quanto mais distante o sujeito se encontra do verbo, maiores serão as chances de ausência de concordância.

O sujeito posposto destaca-se pelo alto peso relativo de ausência de concordância a ele associado e é nossa impressão quanto a esse fator que ele apresenta uma feição muito mais de objeto do que de sujeito, por isso ocupa uma posição posposta ao verbo e por isso contribui significativamente para a não aplicação da flexão verbal de 3PP. O Gráfico 2, a seguir, reflete esse resultado:

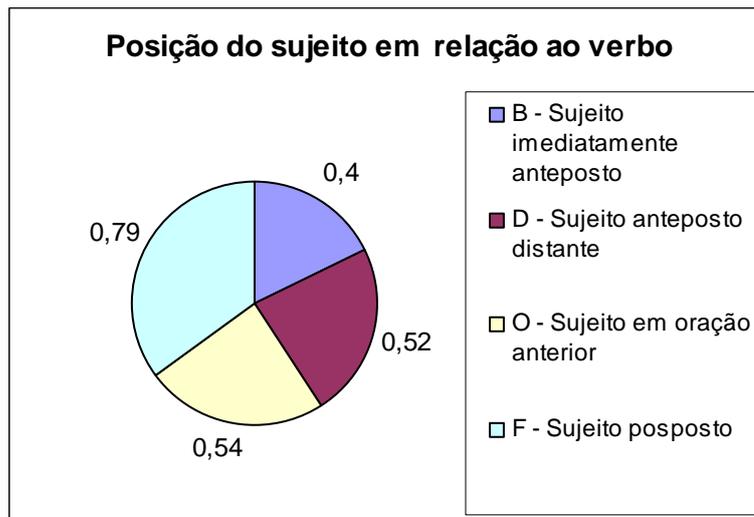


Gráfico 2: A ausência de CV segundo a posição do sujeito em relação ao verbo

É possível separar os fatores do grupo posição do sujeito em relação ao verbo em dois subgrupos: um que favorece a presença de concordância, constituído pelo fator *sujeito imediatamente anteposto*; outro, que engloba os demais fatores (*sujeito anteposto separado do verbo*, *sujeito presente em outra oração* e *sujeito posposto*), que se manifestam como aqueles que mais influenciam na ausência de concordância.

### 4.3. Atuação dos fatores extralingüísticos

Quanto aos fatores extralingüísticos, foram considerados na análise inicial: a faixa etária, a procedência, o sexo e o nível de escolaridade do informante. Os resultados dessa análise inicial, diferentemente do que esperávamos, apontaram o grupo faixa etária como não-significativo e, como significativos, os grupos de fatores procedência, nível de escolaridade e sexo. Além desse fato, os valores associados aos fatores do grupo nível de escolaridade apresentam uma relação inesperada, o que justifica priorizar a interpretação dos resultados relativos a esse grupo, apresentada, então, na subseção a seguir.

### 4.3.1. Sobre a influência do nível de escolaridade

**Tabela 18: A ausência de CV segundo o nível de escolaridade**

Fatores	Ocorrência	%	PR
3 – Até 4 anos de escolarização (Ensino Primário)	591/772	77	0.67
4 – Entre 8 e 11 anos de escolarização (Ensino Médio incompl.)	433/758	57	0.27
5 – Mais de 11 anos de escolarização (Ensino Médio completo)	999/1506	66	0.53
6 – 15 anos de escolarização (Ensino Superior)	303/506	60	0.50
<b>Total</b>	<b>2326/3542</b>	<b>66</b>	

Conforme atestam as informações contidas na Tabela 18 não foi encontrada, como era de se esperar – uma vez que foi apontada significância do grupo pelo VARBRUL –, a relação diretamente proporcional entre os quatro níveis de escolaridade considerados e os valores associados a esses fatores, na opção pela ausência de concordância verbal.

Para demonstrarem que quanto menor o nível de escolaridade dos informantes, mais propensão eles teriam a fazer uso de construções com ausência de concordância, os valores atribuídos aos fatores desse grupo deveriam aparecer em ordem decrescente: fator 3 > fator 4 > fator 5 > fator 6. No entanto, a relação encontrada, em termos de pesos relativos e em percentuais, não confirma a ordenação esperada:

$$PR = [ 0.67 > 0.27 < 0.53 > 0.50 ]$$

$$\% = [ 77 > 57 < 66 > 60 ]$$

Essa relação pode ser melhor visualizada através do Gráfico 3, a seguir, que apresenta os resultados, em termos de pesos relativos, associados aos fatores do grupo nível de escolaridade:

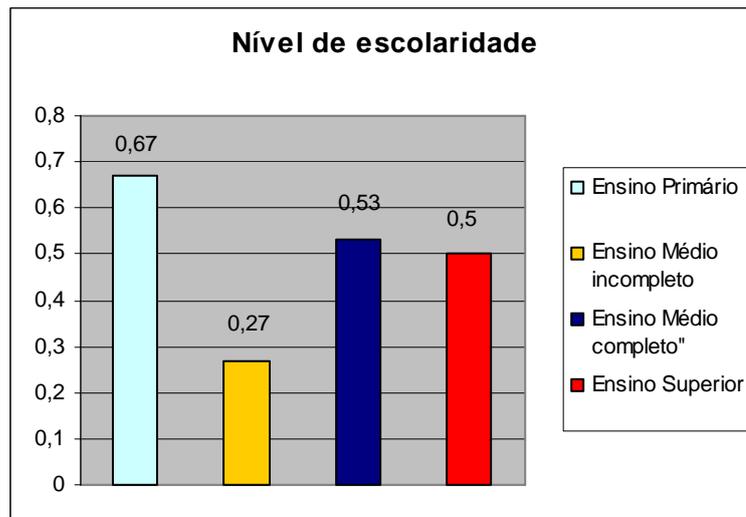


Gráfico 3: A ausência de CV segundo o nível de escolaridade do informante

A princípio, esse problema talvez possa ser explicado pela má distribuição dos informantes tendo-se em vista os fatores do grupo nível de escolaridade, uma vez que:

- a) Como era previsível, entre os jovens (informantes com idade entre 15 e 18 anos), não seria encontrado informante com o Curso Superior e nem todos os informantes com o Ensino Médio completo: nessa faixa etária, foram incluídos, então, 7 falantes com Ensino Médio completo e 5 ainda cursando o Ensino Médio;
- b) Na faixa A (adultos entre 35 e 45 anos), figuraram 5 informantes que possuem o Ensino Médio completo e 7 com o Ensino Superior;
- c) Na faixa I (com mais de 63 anos), foram incluídos 8 informantes que possuem o Ensino Primário, 3 que possuem o Ensino Médio completo e, apenas, 1 (um) informante com o Ensino Superior.

Na tentativa de verificarmos a plausibilidade dessa explicação, procedemos ao cruzamento dos grupos de fatores nível de escolaridade e faixa etária; buscando, então, responder à seguinte questão:

A nossa hipótese de que o nível de escolaridade do falante não exerce influência na preferência pela ausência de concordância deve ser descartada diante dos resultados quantitativos obtidos, ou os “mistérios” presentes em tais resultados podem ser desvendados diante da atuação do grupo faixa etária?

Os resultados obtidos do cruzamento entre os dois grupos de fatores podem ser vistos na Tabela 19, abaixo:

**Tabela 19: A ausência de CV considerando o cruzamento entre o nível de escolaridade e a faixa etária**

Nível de escolaridade	Faixa J (entre 15 a 18 anos)		Faixa A (entre 35 a 45 anos)		Faixa I (mais de 63 anos)		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ens. Primário	-	-	-	-	591/772	77	591/772	77
Ens. Médio inc.	432/757	57	-	-	-	-	432/757	57
Ens. Médio com.	491/723	68	357/504	71	152/281	54	1.000/1.508	66
Ens. Superior	-	-	240/410	59	63/95	66	303/505	60
	<b>923/1.480</b>	<b>62</b>	<b>597/914</b>	<b>65</b>	<b>806/1.148</b>	<b>70</b>	<b>2.326/3.542</b>	<b>66</b>

Atentando para as três faixas etárias, observamos que os valores associados aos diferentes níveis de escolaridade encontrados em cada uma delas também não apresentam as relações esperadas:

- a) Faixa etária I (Idoso)
  - + Ensino Primário = 77%
  - + Ensino Médio completo = 54%
  - + Ensino Superior = 66%
- b) Faixa etária A (Adulto)
  - + Ensino Médio completo = 71%
  - + Ensino Superior = 59%
- c) Faixa etária J (Jovem)
  - + Ensino Médio incompleto = 57%
  - + Ensino Médio completo = 68%

A relação proporcional esperada é registrada no grupo dos adultos, mas, não ocorre nas duas outras faixas etárias. Entre os idosos, a falta de relação proporcional pode ser explicada pelo fato de essa faixa ter apenas um informante que cursou o Ensino Superior e, já com idade avançada (portanto, depois de longo tempo

sem contato com a escola), ou seja, o maior uso de formas que denotam a ausência de concordância, nesse caso, talvez seja resultado de característica individual. Na faixa etária dos jovens, observamos uma relação inversa à esperada, ou seja, os informantes com o Ensino Médio completo produzem mais formas com ausência de concordância do que aqueles que ainda cursam esse nível de escolaridade. Portanto, a atuação do grupo faixa etária não explica a relação proporcional inesperada encontrada no grupo nível de escolaridade.

Buscamos, então, uma outra possível explicação para esse resultado, formulando uma segunda hipótese, que diz respeito ao momento da vida desses jovens. Na comunidade investigada o processo de urbanização, a melhoria das estradas e dos meios de transporte e de comunicação, bem como a melhoria da qualidade de vida e a abertura para as inovações tecnológicas, são fatores importantes que devem ser conjugados no entendimento do diferente comportamento desse grupo. Apesar de exibirem estilos de vida semelhantes, os jovens dessa comunidade, no entanto, podem ser distribuídos em dois subgrupos tendo-se em vista o interesse maior de cada um:

- a. O subgrupo que já completou o Ensino Médio é constituído de jovens que, embora na sua maioria já tenham ingressado no Ensino Superior, encontram-se todos inseridos no mercado de trabalho, de modo que não reúnem condições de um contato efetivo com a língua escrita;
- b. Diferentemente, o subgrupo constituído por jovens que ainda cursam o Ensino Médio está em contato efetivo com a escrita, uma vez que estes jovens estão se preparando para o ENEM, tendo em vista a possibilidade de conseguirem o PROUNI, para, então, ingressarem no Ensino Superior, com a pretensão de fazerem cursos mais valorizados socialmente (Enfermagem, Farmácia etc). Nessas circunstâncias, esses falantes/alunos estão intensamente envolvidos com a leitura (inclusive de obras literárias) e com a busca de informações através dos meios de comunicação como jornais, revistas, rádio, televisão e *Internet*.

Essa distinção no interior do grupo de jovens parece apontar para a explicação dos resultados associados aos fatores desse grupo: os falantes mais jovens que ainda estão cursando o Ensino Médio apresentam menor percentual da ausência de concordância pelo fato de manterem contato mais efetivo com a escrita (mais exatamente, com a norma padrão, que é utilizada nos textos lidos/consultados).

No entanto, essa nossa hipótese de explicação não se sustenta, na medida em que os informantes adultos e idosos com Ensino Superior e que também estiveram ou ainda estão em efetivo contato direto com a língua escrita (padrão), por exercerem o magistério – inclusive, sendo professores dos jovens que estão cursando o Ensino Médio - apresentam maiores índices de ausência de concordância do que esses jovens.

Diante deste fato, uma última hipótese que nos parece possível para a relação inesperada nos resultados relativos aos jovens (Ensino Médio completo = 68%; Ensino Médio incompleto = 57%) é a seguinte: a atuação lingüística individual é elemento responsável pelo fato de alunos do Ensino Médio usarem menos freqüentemente as formas sem concordância do que os falantes que já concluíram esse nível de escolaridade.

Apesar do objeto de estudo da Sociolingüística Variacionista não ser especialmente a fala do indivíduo, mas da comunidade de fala, suspeitamos, então, que algum informante pudesse estar interferindo no resultado em pauta. Observando cuidadosamente as informações fornecidas através das entrevistas percebemos que um informante se destaca, pois:

- a) Na entrevista desse jovem praticamente não há participação do entrevistador;
- b) Os sessenta minutos da entrevista são todos utilizados pelo informante para contar a sua história;
- c) A preocupação do informante com a norma culta é evidente, pois constantemente retoma alguma palavra ou expressão que considera mal empregada;
- d) Esse jovem é líder de turma e do grupo de jovens da cidade, participando ativamente de todos os eventos da escola e da comunidade;

- e) Lê regularmente os jornais, revistas etc;
- f) Está se preparando para tentar o ENEM e o vestibular de Medicina;
- g) Diz ouvir muita música popular brasileira, já ter feito vários cursinhos de pintura e ter muito “amor” pela leitura de clássicos da literatura brasileira (citando como seus autores favoritos Jorge Amado, Érico Veríssimo e Monteiro Lobato).

Excluimos os dados desse informante, e os resultados da análise considerando todos os grupos de fatores apresentaram alterações significativas: o grupo faixa etária passa a ser selecionado pelo Programa, e o grupo sexo é descartado. A diferença encontrada no grupo procedência diminui consideravelmente: com todos os informantes ( $U = 0.39$ ,  $R = 0.62$ ) e sem um informante ( $U = 0.45$ ,  $R = 0.57$ ) conforme aponta o Gráfico 4 abaixo:.

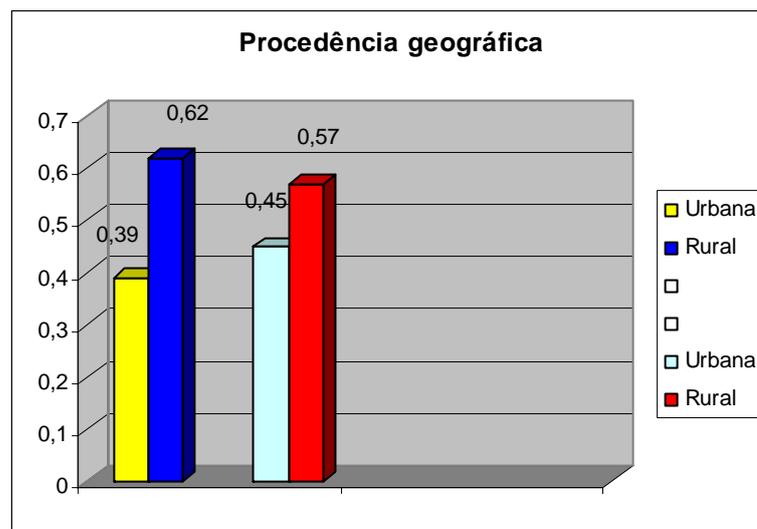


Gráfico 4: A ausência de CV segundo a procedência geográfica de todos os informantes e com a exclusão de um informante

Entretanto, com relação ao grupo de fator nível de escolaridade, nossa suspeita de que este informante pudesse estar influenciando nos resultados não é confirmada, uma vez que, conforme mostra o Gráfico 5, a relação proporcional inesperada continua, apesar de diferença bem menor entre os dois índices:

**Antes** – Ausência de concordância com todos os informantes:

Ensino Médio completo = 0.53 > Ensino Médio incompleto = 0.27

**Depois** – Ausência de concordância verbal excluindo um informante:

Ensino Médio completo = 0.46 > Ensino Médio incompleto = 0.40

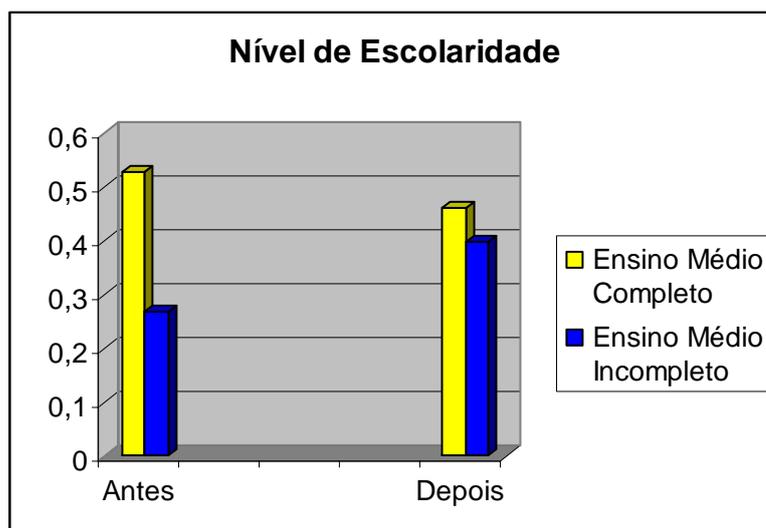


Gráfico 5 : A ausência de CV segundo o nível de escolaridade de todos os informantes e com a exclusão de um informante

Os dados analisados não permitem, portanto, afirmar que os resultados inesperados no grupo nível de escolaridade devem-se à atuação de um dos falantes jovens com o Ensino Médio incompleto, apesar de o aumento dos pesos relativos serem relativamente alto. Pelo exposto, parece evidente que o maior nível de escolaridade não pode ser considerado como fator determinante da opção pela ausência de concordância na fala de Braúnas.

Diante do fato de os resultados relativos ao grupo nível de escolaridade apresentarem “mistérios” que não foram resolvidos, excluimos, então, esse grupo de fatores da análise. Cabe ressaltar que, nessa nova rodada, foram mantidas as combinações feitas nos fatores do grupo posição do sujeito em relação ao verbo e, além disso, no grupo constituição morfológica da forma verbal analisamos os resultados dos verbos regulares (R) e reunimos os verbos do pretérito e os verbos com terminação acentuada em apenas um grupo: verbos não-regulares (N). Essas combinações não são feitas aleatoriamente, mas porque aqueles fatores que apresentaram pesos relativos bastante próximos podem ser agrupados em um único

fator. A combinação e a eliminação de fatores ou de grupos de fatores visa ao maior ajustamento entre o modelo probabilístico e os dados observados. Vejamos os novos resultados na Tabela 20, a seguir:

**Tabela 20 : A ausência de CV após a exclusão do grupo de fatores  
nível de escolaridade**

<b>Grupo</b>	<b>Fatores</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
1. Constituição morfológica da forma verbal	R. Regulares	1.578/1.893	83	0.72
	N. Não-regulares	748/1.649	45	0.25
2. Posição do sujeito em relação ao verbo	B. Sujeito imediatamente anteposto	61/1.434	60	0.40
	D. Sujeito anteposto distante	403/604	67	0.52
	O. Sujeito anteposto expresso em oração anterior	43/1.224	69	0.54
	F. Sujeito posposto	219/280	78	0.79
3. Procedência	U. urbano	1.092/1.871	58	0.39
	R. rural	1.234/1.671	74	0.62
6. Faixa etária	J. Jovem	23/1.480	62	0.44
	A. Adulto	597/914	65	0.53
	I. Idoso	06/1.148	70	0.56
<b>Total</b>		<b>2.326/3.542</b>	<b>66</b>	

Nas próximas seções, serão examinados os resultados quantitativos associados aos grupos de fatores extralingüísticos apontados como significativos nessa nova rodada do Programa – procedência e faixa etária. E, é interessante observarmos, que os novos resultados confirmam os resultados obtidos quando retiramos um informante na rodada anterior: o grupo sexo é descartado e o grupo faixa etária passa a ser considerado significativo, apesar de apresentar resultados divergentes.

#### **4.3.2. Faixa etária**

Conforme já mencionado, o grupo de fatores faixa etária não foi selecionado pelo Programa como significativo na primeira rodada, realizada com todos os grupos de fatores inicialmente estabelecidos. Entretanto, como os resultados do grupo nível de escolaridade apresentaram uma relação inesperada (embora

contradizendo a expectativa de não-influência desse grupo, não exibem relação proporcional entre níveis de escolaridade e índices de ausência de concordância), buscamos desvendar essa relação atentando, inclusive, para a atuação individual; a não obtenção de resultados esperados nos levou a descartar, da nossa análise, o referido grupo de fatores.

Na rodada em que retiramos o informante supostamente responsável pelos resultados inesperados, o grupo faixa etária passou a ser selecionado, pelo Programa, como significativo, e os resultados relativos a esse grupo mostram que, na comunidade de Braúnas, jovens e adultos favorecem a ausência de concordância de 3PP (0.54) enquanto os informantes mais idosos desfavorecem tal fenômeno (0.43).

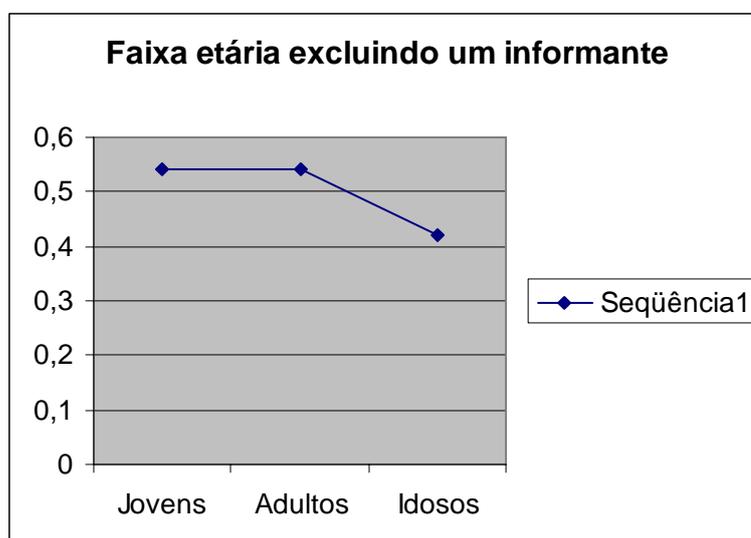


Gráfico 6: A ausência de CV segundo a faixa etária após a exclusão de um informante

Entretanto, quando reanalisamos os dados excluindo o grupo de fatores nível de escolaridade (mas, considerando todos os informantes), observamos que há uma inversão nos valores atribuídos aos fatores desse grupo: a ausência de concordância passa a ser favorecida razoavelmente pelos informantes idosos (0.56), favorecida ligeiramente pelos adultos (0.53) e desfavorecida pelos jovens (0.44). A relação entre esses índices é visualizada a seguir:

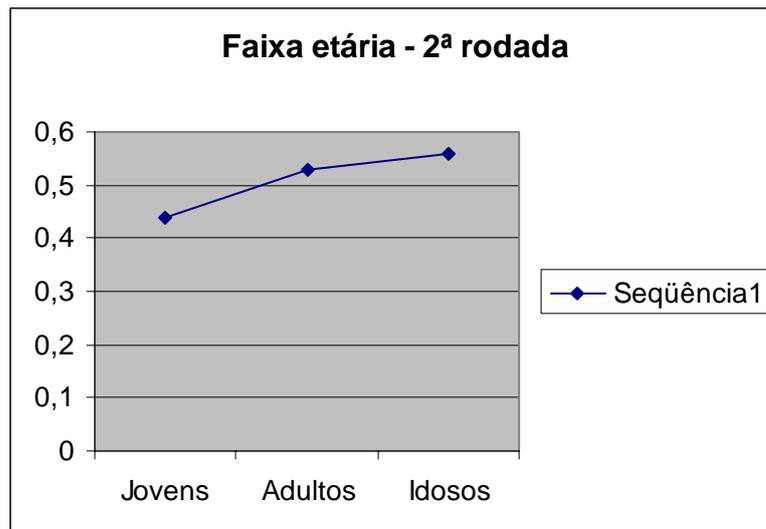


Gráfico 7: A ausência de CV segundo a faixa etária após a exclusão do grupo de fatores nível de escolaridade

O Gráfico 7 aponta para direção contrária à nossa hipótese inicial sobre a atuação do grupo faixa etária; ou seja: considerando a ausência de CV como uma variante inovadora, assumimos que os índices relativos à faixa etária evidenciarão uma mudança em progresso (seria registrada uma relação diretamente proporcional entre as diferentes idades e os índices de ausência de CV).

A determinação do que é inovador ou do que é conservador dentro de uma dada comunidade lingüística não deve ficar ao livre arbítrio do pesquisador, mas deve espelhar-se na história social dos falantes da comunidade em estudo. O estudo de Vieira (1995) sobre a CV na fala de comunidades de pescadores no Norte do Estado do Rio de Janeiro é um bom exemplo dos obstáculos que, muitas vezes, se colocam diante do pesquisador no momento de definir a inovação e a conservação lingüística dentro de uma dada comunidade de fala. Nesse estudo, a autora (1995: 114) partiu do pressuposto de que inovar seria “afastar-se do que é tradicional na norma culta”; no entanto, constatou que a inovação estava em aproximar-se da norma culta, já que os informantes mais velhos apresentavam mais ausência de concordância quando comparados aos mais jovens que apresentavam maior presença de CV. Atentando para a posição dessa autora, os resultados que obtivemos analisando a fala da comunidade de Braúnas nos permitem indagar o seguinte: nessa comunidade, inovar significaria adquirir as marcas de concordância verbal?

### 4.3.3. Procedência

Afirmamos na seção 3.4.2, quando descrevemos os grupos de fatores extralingüísticos, que grande parte da população que forma a comunidade braunense tem raízes na área rural. Para este grupo, portanto, estabelecemos a hipótese de que tanto falantes da área rural quanto falantes da área urbana tenderiam à não aplicação da concordância verbal. O resultado do grupo procedência não confirma a nossa hipótese, pois revela o fato de os falantes rurais braunenses optarem muito mais freqüentemente pela ausência de concordância do que os falantes urbanos. Entre os rurais, 74% das ocorrências apresentam ausência de concordância, contra 58% de ausência dos falantes urbanos.

**Tabela 21: A ausência de CV segundo a procedência geográfica do informante**

<b>Fatores</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Urbano	1.092/1.871	58	0.39
Rural	1.234/1.672	74	0.62
<b>Total</b>	<b>2.326/3.542</b>	<b>66</b>	

Essa relação mostra-se mais nítida quando expressa em termos de peso relativo: favorecimento da ausência de concordância pelos falantes da área rural e desfavorecimento dessa ausência pelos falantes da área urbana, conforme mostra o Gráfico 8, a seguir:

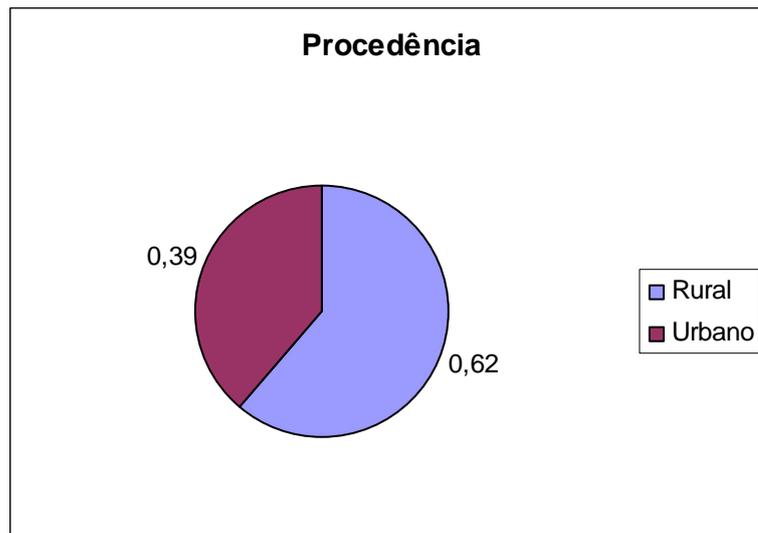


Gráfico 8: A ausência de CV segundo a procedência geográfica do informante

Apesar de no município de Braúnas as comunidades rurais manterem contato freqüente com a comunidade urbana (por serem bem próximas), o que nos permitiu a hipótese de que procedência seria um elemento neutro em relação à variação estudada, a diferença notável anteriormente apontada nos mostra o contrário, ou seja, nos possibilita afirmar que o falar da área rural de Braúnas foi ainda pouco afetado pelo estigma, pelo preconceito que os hábitos lingüísticos que não atendem à regra parecem sofrer na área urbana.

Comparando nosso estudo àqueles que tratam da concordância verbal levando em conta a procedência do falante (distinguindo áreas rural e urbana), verificamos que:

1 – Vieira (1995) apurou um total de 62% de não uso da concordância entre falantes analfabetos e pouco escolarizados do norte fluminense. A autora descreve duas realidades nas 12 comunidades analisadas: uma constituída por pequenos vilarejos com reduzido comércio, uma igreja e algumas casas, situação típica de comunidades rurais; outra modificada pelo acesso de turistas e veranistas, apresentando um desenvolvimento “desordenado”. Quando a autora observa os resultados referentes ao grupo de fator procedência, o que lhe chama atenção é o comportamento de três localidades: Atafona, Guaxindiba e Itaocara que apresentam índices de ausências de concordância mais elevados do que os das demais localidades, que oscilam entre 50% e 64%. Vieira acredita que o alto índice de

ausência de concordância encontrado em Itaocara – RJ (percentualmente 83% de não aplicação da regra) se deve ao afastamento dessa comunidade em relação ao litoral e que os altos índices verificados em Guaxindiba (75%) e Atafona (68%) estejam ligados ao isolamento histórico dessas localidades.

2 – Silva (2005) focaliza a concordância em três *corpora* constituídos de dados de duas comunidades rurais (Cinzento e Morrinhos) e uma comunidade urbana (Poções) do interior do estado da Bahia. O autor analisa 2.100 dados produzidos por falantes de pouca ou nenhuma escolarização e encontra 83% de não aplicação da regra nas comunidades rurais e 74% de não aplicação da regra na comunidade urbana. Para o autor, a comunidade de Cinzento apresenta o menor índice de concordância (13%) porque o seu grau de isolamento é bem acentuado, e o baixo índice de aplicação da regra exibido também pela comunidade de Morrinhos (17%) explica-se pelo fato de que, embora possua um grau maior de contato com outros grupos sociais, essa comunidade aproximou-se dos benefícios da urbanização recentemente. Segundo o autor, os moradores de Poções convivem numa situação caracterizada por atividades desenvolvidas no meio urbano e o maior índice de concordância encontrado nessa comunidade (26% de aplicação da regra) deve-se ao processo de urbanização, uma vez que o grau de urbanização é que define o processo de aquisição das marcas de concordância.

3 – Sgarbi (2006) analisa a fala de 144 informantes de 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul e encontra 53% de ausência de CV. Segundo a autora o grupo procedência foi o mais importante para essa ausência: nos dados analisados, 77% são casos em que os falantes da área rural não aplicaram a regra de CV, e apenas 23% de casos sem concordância foram encontrados na fala dos informantes urbanos.

A comparação dos índices de ausência de concordância que registramos em Braúnas com os índices registrados nesses três estudos, que também levam em conta a procedência geográfica do informante (distinguindo área urbana e rural), revela que a ausência de concordância é a opção mais freqüente em todas as comunidades estudadas, o que pode ser visualizado no Gráfico 9, a seguir:

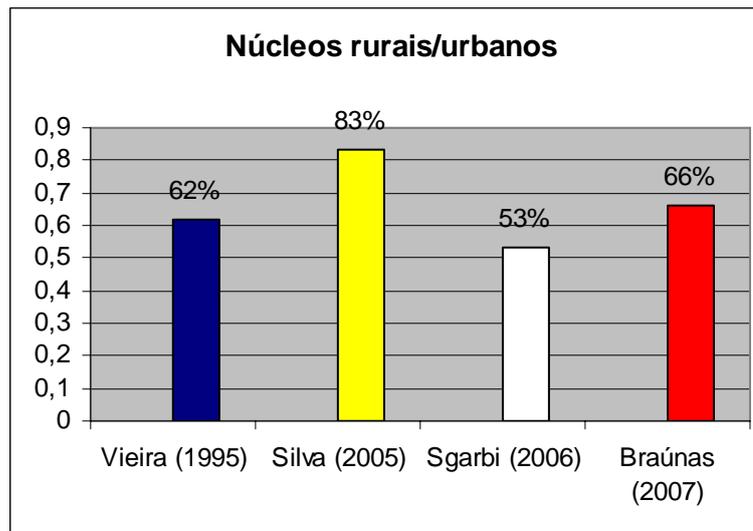


Gráfico 9: A ausência de CV em diferentes comunidades que incluem áreas urbanas e rurais

Se compararmos o índice de ausência de concordância encontrado entre os falantes urbanos da comunidade que focalizamos aos índices de ausência de concordância registrados por estudos que focalizam centros urbanos mais populosos, vamos perceber que a urbanização parece ser, conforme defende Silva (2005), um fator relevante na presença/ausência de concordância.

No interior do Estado de Minas Gerais o índice de ausência de concordância encontrado por nós foi 54%. Entre os falantes de Vitória da Conquista, uma cidade de porte médio da Bahia, Oliveira (2005) registrou 49% de ausência de concordância nos dados analisados. Ao tratar do mesmo fenômeno na cidade de Belo Horizonte – MG, com amostra de falantes de todos os graus de escolarização (até o nível superior), Nicolau (1984) encontrou 44% de ausência de concordância em 1.913 ocorrências de orações com sujeito de 3PP. Monguillhott (2001), por sua vez, achou um percentual de 22% de ausência de concordância entre os falantes que possuíam de 4 a 11 anos de estudo, pesquisando a concordância verbal na cidade de Florianópolis. Na cidade do Rio de Janeiro, Naro (1981) encontrou um percentual de 52% de ausência de concordância (em 6.319 dados) – o que parece contrariar a hipótese de influência da urbanização, mas cabe ressaltar que tal índice foi obtido por uma pesquisa que utiliza uma amostra composta de falantes semi-analfabetos.

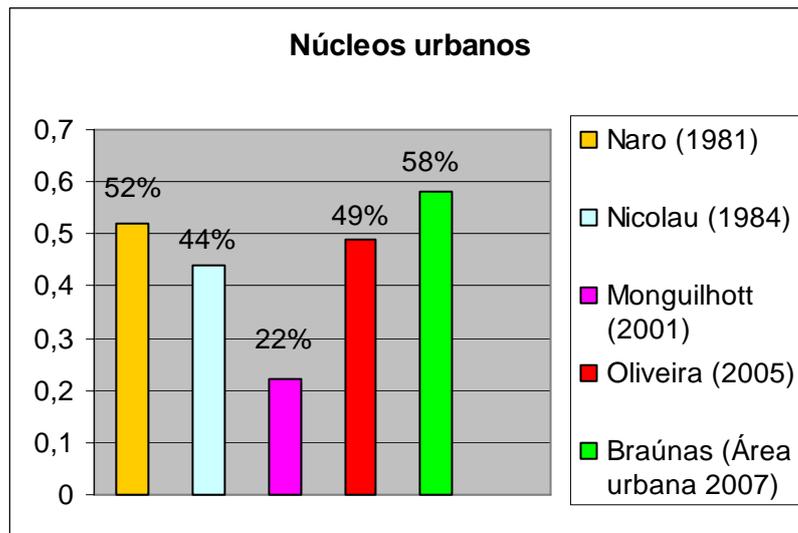


Gráfico 10: A ausência de CV em diferentes núcleos urbanos

Procuramos com base na história social de cada comunidade e na história da evolução da sociedade brasileira entender a tendência a não aplicação da regra de concordância, dando uma interpretação à luz da Sociolinguística aos dados por nós colhidos na comunidade estudada. Provavelmente, o processo de urbanização proporciona aos falantes amplo acesso à escola e à mídia, especialmente o rádio e a televisão, responsáveis por introduzir valores sociais atrelados a valores lingüísticos, que dão origem a um número mais elevado de comportamento padronizado em seus diversos grupos sociais. E, possivelmente, o semi-isolamento (a baixa presença de jornais, de *Internet* e de escolas de Ensino Médio, etc.) em que se mantiveram as comunidades recentemente urbanizadas explique a menor frequência de concordância nessas comunidades.

# CAPÍTULO 5

## CONCLUSÃO

O nosso grande objetivo era fazer a análise da ausência de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP na fala dos informantes braunenses, tomando por base os dados colhidos em entrevistas espontâneas. Neste capítulo, retomamos, resumidamente, os resultados dessa análise, buscando destacar aqueles fatores que favorecem (ou inibem) a ausência de CV considerada como uma variante lingüística.

Das entrevistas que fizemos com os 36 informantes selecionados em função de hipóteses específicas relacionadas a fatores extralingüísticos, extraímos 3.542 dados, que, após analisados qualitativamente, foram submetidos a uma análise quantitativa através do programa VARBRUL. De acordo com os resultados dessa análise, a ausência de concordância ocorre em 2.326 casos (o que corresponde a 66% do total de dados analisados) e a presença de concordância ocorre em 1.216 casos (ou seja, em 34% do total).

O trabalho de Nicolau (1984) nos orientou quanto à expectativa de testar o grupo de fatores lingüísticos constituição morfológica da forma verbal; conforme os nossos resultados, esse grupo é o que mais favorece a ausência de concordância. Também em nossos dados, os verbos regulares constituem o fator que mais favorece a ausência de concordância (0.73), seguido do fator constituído pelos verbos com terminação acentuada (0.30) e pelos verbos do pretérito perfeito com o índice de apenas (0.21) de favorecimento da ausência de concordância.

No que diz respeito ao outro grupo de fatores lingüísticos considerado, posição do sujeito em relação ao verbo na oração verificamos que a possibilidade de ausência de concordância é proporcional à distância entre o verbo e o sujeito: o sujeito imediatamente anteposto ao verbo desfavorece essa ausência (0.40); a interveniência de palavras entre o sujeito e o verbo exerce pouca influência sobre o

comportamento da variável (0.52); já o sujeito em oração anterior é ligeiramente favorecedor da ausência de concordância (0.54) e o sujeito posposto ao verbo é altamente favorecedor à ausência de concordância (0.79); sendo assim, é possível separar o grupo posição do sujeito em relação ao verbo em dois subgrupos: um que desfavorece a ausência de concordância na 3PP, constituído pelo fator *sujeito imediatamente anteposto ao verbo*, e outro subgrupo, que favorece essa ausência de concordância, constituído pelos fatores *sujeito anteposto distante*, *sujeito anteposto expresso em oração anterior* e *sujeito posposto*.

Os fatores extralingüísticos também se mostram relevantes para a explicação da ausência de concordância nos dados aqui analisados. Com base nos nossos resultados, não podemos concluir que a elevação do nível de escolaridade atue no sentido de alterar o comportamento lingüístico dos falantes na direção de uso mais freqüente de marcas de concordância; o que parece estar sendo refletido através desses resultados é a necessidade de se colocar em pauta o nível de escolaridade como o único fator relevante para que o indivíduo tenha um desempenho mais aproximado da forma padrão.

Nesse sentido, também Vieira (1995) e Naro & Scherre (2003) registram que, embora a escolarização influencie de algum modo na presença de CV, o maior grau de escolaridade e a presença de CV não são fatores necessariamente interdependentes. Esses autores remetem à necessidade de reflexão sobre a influência dos fatores sociais não convencionais nos processos de variação e mudança, pois parece evidente que forças sociais tradicionais como nível de escolaridade, faixa etária, sexo e procedência geográfica embora atuem na condução da variação e da mudança lingüística, não são suficientes para dar conta do entendimento da dimensão social que envolve a variação da CV no português.

Acreditamos, então, que cabe ao pesquisador investigar outras possíveis influências que, normalmente, não têm sido controladas nos estudos variacionistas, ou seja, atentar para questões tais como as abaixo, relativas aos falantes da comunidade pesquisada:

- a. A origem do falante permite o contato efetivo com os meios de comunicação?
- b. Os falantes/informantes participam das mesmas atividades sócio-

- culturais?
- c. Que tipo de música os informantes ouvem?
  - d. Quantos têm contato com pessoas mais escolarizadas ou de outras regiões mais urbanizadas?
  - e. Quantos lêem livros, jornais, revistas etc?

Os resultados obtidos nos permitiram supor que, a fim de obter números mais precisos, uma pesquisa variacionista deve medir acuradamente a influência individual nos resultados obtidos. Além disso, que características sociais individuais podem determinar a variação lingüística encontrada no PB; portanto, seria oportuno que pesquisas futuras se voltassem para uma análise mais detalhada da influência individual sobre o fenômeno aqui focalizado.

O grupo de fatores procedência geográfica do informante foi o terceiro a surgir na ordem de relevância apresentada pelo Programa, em todas as rodadas. Os resultados deste grupo demonstram que os falantes rurais empregam mais freqüentemente a ausência de concordância do que os falantes urbanos. Entre os falantes urbanos, apenas 0.39 das ocorrências não atenderam a regra, contra 0.62 das ocorrências dos falantes rurais.

Com relação ao grupo de fatores faixa etária, os resultados obtidos também apontaram diferenças que merecem ser analisados mais profundamente em pesquisas futuras:

- a. Na primeira rodada, com todos os grupos de fatores inicialmente considerados, o grupo é descartado.
- b. Na segunda rodada, com a exclusão de um informante, o grupo passa a relevante com jovens e adultos favorecendo razoavelmente (0.54) a ausência de concordância e idosos a desfavorecendo (0.43).
- c. Na terceira rodada, com a exclusão do grupo nível de escolaridade, o grupo novamente é selecionado pelo Programa, mas os resultados são opostos aos encontrados anteriormente. Idosos favorecendo razoavelmente a ausência de concordância (0.56), adultos favorecendo ligeiramente (0.53) e jovens a desfavorecendo (0.44).

Os resultados relativos ao grupo de fatores faixa etária corroboram a hipótese de Naro (1981: 87-89) ao dizer que, embora seus resultados para uma amostra de falantes semi-escolarizados na década de 70 indicassem perda de marcas de concordância, análises futuras poderiam apontar reversão da tendência, com aquisição de marcas de concordância, em função da orientação cultural das pessoas em direção aos valores da classe média, entre os quais se inclui a presença de CV, idéia esta que foi denominada de “fluxos e contrafluxos” por Naro & Scherre (1991).

Desse modo, a CV na fala dos habitantes de Braúnas encontra-se em processo de variação estável, isto é, em relação à nossa variável, confirma-se a hipótese de que a concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP ora se aplica ora deixa de se aplicar. Esta variação pode ser determinada por fatores lingüísticos e por fatores extralingüísticos: a procedência geográfica do informante de uma forma mais explícita, o nível de escolaridade e a faixa etária ainda não efetivamente determinante na comunidade investigada.

Entendemos que o estudo lingüístico das pequenas comunidades, não só em Minas Gerais, como no resto do país, é de grande relevância não apenas no âmbito da Sociolingüística, mas também por representar uma importante contribuição para o conhecimento e caracterização da identidade cultural dos brasileiros de origem rural, que vêm sendo estigmatizados ao longo dos anos e assim contribuir para a descrição do português brasileiro. E esperamos que o nosso trabalho, de alguma maneira, venha a contribuir para o avanço dos estudos sociolingüísticos no país, uma vez que aponta relações relevantes entre a ausência de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP e fatores lingüísticos extralingüísticos.

# REFERÊNCIAS

ALI, M. Said. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1966.

ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo, Saraiva, 1950.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CALLOU, Dinah M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, PROED/UFRJ, 1987.

\_\_\_\_\_ & OMENA, N.; SILVA, V. P. *Teoria da variação e suas relações com a semântica, a pragmática e a análise do discurso*. Caderno de estudos lingüísticos 20: 17 – 21, 1991.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Blackwell, Oxford: Cambridge, 1995.

\_\_\_\_\_ & TRUDIGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CRISTAL, D. *Dicionário de Lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA & CINTRA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, C. *Remanescentes de um falar crioulo brasileiro*. Revista Lusitana, 5: 21 – 34, 1984.

FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Susana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

GRACIOSA, D. M. D *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991. Dissertação de Mestrado – UFRJ, Rio de Janeiro.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. PhD. Dissertation, University of Pennsylvania, 1981a.

\_\_\_\_\_ *Saliency and the direction of syntactic change*. Cornell University, 1986.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_ *The study of language in its social context*. In: *Sociolinguistic Patterns*. 3 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

\_\_\_\_\_ *What can be learned about change in progress from synchronic descriptions?* In: SANKOFF, David & CEDERGREN, Henrietta. (eds.) *Variation* Onnibus Canada, Linguistic Research, Inc., p. 177 - 99, 1981.

\_\_\_\_\_ *The study of nonstandard English*. Rev. enl. Ed. Urbana: National Council of Teachers of English, 1981.

\_\_\_\_\_ *Field methods of the project on linguistic change and variation*. In: BAUGH, J. & SHERZER (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

\_\_\_\_\_ *Principles of Linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_ *Principles of Linguistic change: external factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.

LEMLE, Miriam & NARO, Anthony J. *Competências básicas do Português*. Relatório Final apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação FORD, Rio, 1977.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

MELO, G. C. *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal na terceira pessoa do plural na fala de florianopolitanos*. 2001. Dissertação de Mestrado em Lingüística. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

\_\_\_\_\_ *Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis*. In: VANDERSEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, p. 189-215, 2002.

MOTTA, Erimita C. M. *Escolarização e variação lingüística*. 1979. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos Lingüísticos, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NARO, Anthony Julius. *The social and structural dimensions of a syntactic change*. Language LSA, v. 57, n.º. 1, p. 63 – 98, 1981.

\_\_\_\_\_ *O dinamismo das línguas*. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 43 – 50. 2003.

NARO, Anthony J. & LEMLE, Miriam. *Syntactic diffusion*. *Ciência e Cultura*, v. 29, n.º 3 pp. 259-68, 1977

NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Variação e Mudança Lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*. In: *Cadernos Estudos Lingüísticos Campinas* (20): 9-16, Jan/Jun. 1991.

\_\_\_\_\_. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. DELTA, Vol. 9, Nº Especial, p. 443 – 454, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna*. In: MOURA, Denilda (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió. EDUFAL, pp 26-37. 1999a.

\_\_\_\_\_. *A influência de variáveis escalares na concordância verbal*. In: *A cor das Letras*. Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Nº 3, dezembro. Bahia: Feira de Santana, p. 17-34, 1999b.

\_\_\_\_\_. *A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito composto*. In: Große, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus (eds) *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, v. 17 2000b pp 166-188.

\_\_\_\_\_. *Estabilidade e Mudança Lingüística em tempo real: a concordância de número*. IN: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (org) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003a.

\_\_\_\_\_. *O conceito de transmissão lingüística irregular e as origens do português brasileiro: um tema em debate*. In: RONCARATI, C & ABRAÇADO, J. (orgs.) *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro. FAPERJ/ 7 Letras, pp. 285 – 302. 2003b.

\_\_\_\_\_. *A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do que relativo*. In: HORA, D. da & COLLISCHON, G. (Orgs.) *Teoria lingüística: fonologia e outros temas...* João Pessoa: Editora Universitária, pp. 383-401, 2003c.

\_\_\_\_\_. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NARO, Anthony J. & VOTRE, Sebastião Josué. *Emergência da sintaxe como efeito discursivo*. In: Relatório Final do Projeto Subsídio sociolingüístico à educação. UFRJ. CNPq, 1986.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença Edições, 1976.

NICOLAU, Eunice. *A ausência de concordância verbal em Português: uma abordagem sociolingüística*. 1984. Dissertação de Mestrado em Lingüística – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. *A influência da constituição morfológica da forma verbal na ausência de concordância em Português*. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, ano IV, N° 3 – V. 2, p. 41 – 67, 1995.

OLIVEIRA, Marco A. *Reanálise de um problema de variação*. In: *Português: Estudos Lingüísticos*, publicação do centro de ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos-7, Uberaba. 1981.

\_\_\_\_\_. *Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso*. Ensaios de Lingüística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, ano IV, n° 7, p. 71-89, 1982.

\_\_\_\_\_. *Resíduos históricos como um caso de variação sincrônica do português do Brasil*. Ensaios de Lingüística. FALE/ UFMG, Belo Horizonte. p 230 -45. 1983.

OLIVEIRA, Marian dos Santos. *Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?* 2005. Dissertação de Mestrado – UFBA, Salvador, Bahia.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da, *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. Tese de doutorado, USP, São Paulo.

SANKOFF, D. *Variable rules*. In: AMMONT, U. & DITTMAR, N. & MATTHEIER, K. J. (Eds.) *Sociolinguistics – An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, p. 984 – 998. 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma*

*nominal em português*. 1978. Dissertação de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese de Doutorado em Lingüística. UFRJ, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ *Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal*. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas. São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

\_\_\_\_\_ *Aspectos da concordância de número no português do Brasil*. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12: 37 – 49, 1994.

\_\_\_\_\_ *Paralelismo Lingüístico*. In: *Revista de estudos da linguagem*. V. 7, Nº 2. Belo Horizonte: UFMG, p. 29 – 59, 1998b.

\_\_\_\_\_ *A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolingüística sobre o conceito de erro*. In: BAGNO, M. (org.). *Lingüística da norma*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_ *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, Anthony J. *Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil*. DELTA, vol. 9, nº. 1, p. 1-14. São Paulo: EDUC, 1993.

\_\_\_\_\_ *A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente*. In: HORA, D. da (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, p. 93 – 114, 1997.

\_\_\_\_\_ *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In RUFFINO, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolingüística, sociolingüística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5: 509 – 523, 1998.

\_\_\_\_\_ *Garimpendo as origens estruturais do português brasileiro*. Texto da palestra proferida no Congresso Internacional – 500 anos de Língua Portuguesa no Brasil, Universidade de Évora, Évora, Portugal, 8 a 13 de maio de 2000.

\_\_\_\_\_ *A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples*. In: Große, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus (eds) *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, pp 135-165. Volume 17. 2000.

\_\_\_\_\_ *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul*. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_ *Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro*. SCRIPTA, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v. 9, nº 18, p. 109-131, 1º semestre 2006.

SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. *A variação da concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul*. Tese de Doutorado. Araraquara, São Paulo. 2006

SILVA, G. M. de O. & VOTRE, S. J. *Estudos sociolinguísticos no Rio de Janeiro*. DELTA, 1991, 7. (1): 357 – 76.

SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. 2003. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras, UFBA, Salvador.

\_\_\_\_\_ *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*. 2005. Tese de doutorado, Salvador, UFBA.

SILVA, R. V. *Português brasileiro – raízes e trajetórias*. Ciências Hoje 15 (86): 76 - 81, 1992.

SILVA NETO, S. da. *Introdução aos estudos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1976.

TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_ *A pesquisa sociolingüística*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1997 (Série Princípios)

TEIXEIRA, J. A. *O falar mineiro*. Sep. Revista do Arquivo Municipal. V. 45. São Paulo, 1938.

\_\_\_\_\_ *Linguagem de Goiás*. V. 2. São Paulo: Anchieta, (Estudos de Dialectologia Portuguesa). 1944.

VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento lingüístico do Dialeto Rural*. 1980. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Concordância Verbal: Variação em Dialectos Populares do Norte Fluminense*. 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. *Empirical Foundations for a Theory of Language*. In LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds). *Directions for Historical Linguistics*, Austin & London: University of Texas Press. Pp. 99-188. 1968.

\_\_\_\_\_ *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

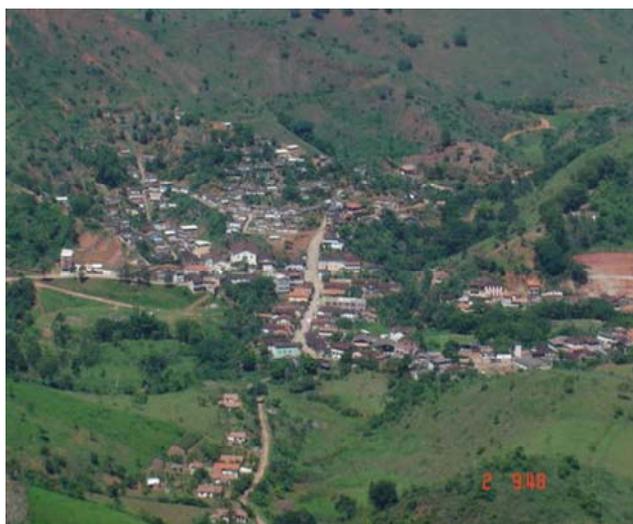
# ANEXO A

## CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS FALANTES DA AMOSTRA DE BRAÚNAS, VALE DO RIO DOCE – MG

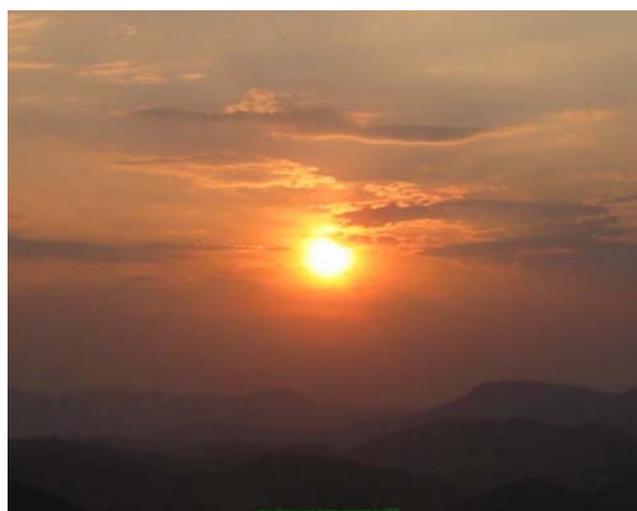
Identificação	Sexo	Nível de Escolaridade	Idade	Procedência	Profissão
CAR	F	Ens. Médio Completo	17	Urbana	Estudante
ROS	F	Ens. Médio Completo	18	Urbana	Estudante
SIM	F	Ens. Médio Completo	18	Urbana	Estudante
LUA	F	Ens. Médio Completo	18	Rural	Estudante
RAQ	F	Ens. Médio Completo	18	Rural	Estudante
LUC	F	Ens. Médio Completo	18	Rural	Estudante
DEM	M	Ens. Médio Completo	18	Urbano	Estudante
ELI	M	Ens. Médio incompleto	17	Urbano	Estudante
JUN	M	Ens. Médio incompleto	16	Urbano	Estudante
HEN	M	Ens. Médio incompleto	17	Rural	Estudante
RAN	M	Ens. Médio incompleto	16	Rural	Estudante
FER	M	Ens. Médio incompleto	15	Rural	Estudante
CAC	F	Ens. Superior/História	42	Urbana	Professora
CLE	F	Ens. Superior/Geografia	44	Urbana	Professora
SON	F	Ens. Superior	43	Urbana	Professora
MAR	F	Matemática/Pedagogia Ens. Superior Normal Superior	42	Rural	Professora
LOL	F	Ens. Superior Normal Superior	45	Rural	Professora
SAL	F	Ens. Superior/Pedagogia	45	Rural	Professora
COR	M	Ens. Médio completo	42	Urbano	CEMIG
RUI	M	Ens. Médio completo	43	Urbano	CEMIG
SID	M	Ens. Superior/Letras	41	Urbano	Professor
JOS	M	Ens. Médio completo	40	Rural	Vereador
ZEZ	M	Ens. Médio completo	45	Rural	Vereador
MAI	M	Ens. Médio completo	42	Rural	Func. Público
FIZ	F	Ens. Médio completo	63	Urbano	Professora
RUT	F	Normalista Ens. Médio completo	68	Urbano	Professora
SOC	F	Ens. Superior/História	67	Urbano	Professora
TER	F	Ens. Primário	74	Rural	Professora
SSY	F	Ens. Primário	66	Rural	Professora
FIA	F	Ens. Primário	73	Rural	Professora
ROB	M	Ens. Médio completo	63	Urbano	CEMIG
RUB	M	Ens. Primário	78	Urbano	Delegado
NON	M	Ens. Primário	64	Urbano	Vereador
MAR	M	Ens. Primário	80	Rural	Vereador
ANT	M	Ens. Primário	89	Rural	Delegado
GER	M	Ens. Primário	64	Rural	Vereador

# ANEXO B

Vista parcial da cidade de Braúnas - MG



Pôr-do-sol em Braúnas



**Antiga igreja Nossa Senhora do Amparo de Braúnas**



**Atual Igreja Nossa Senhora do Amparo**



**Antiga praça Padre José Augusto**



**Atual praça Padre José Augusto**



**Cachoeira do Rio Santo Antônio – Vila Salto Grande/Braúnas**



**Barragem da Usina de Salto Grande - CEMIG**



## Fauna e flora de Braúnas



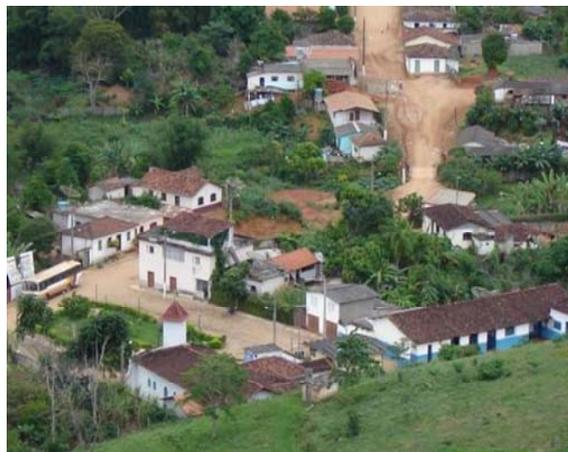
## Fazendas de Braúnas



### Via de acesso à Braúnas



### Um dos povoados de Braúnas - Barroadas



### Desfile de 7 de Setembro



### Desfile de 7 de setembro com os antigos funcionários da cidade de Braúnas

